

**FACULDADES INTEGRADAS DE TAQUARA**  
**CURSO DE HISTÓRIA**

**A MULHER BURGUESA NOS ANOS DOURADOS: SEU COMPORTAMENTO  
E SUA INCLUSÃO NO MERCADO DE TRABALHO**

**VANUZA ALVES MITTANCK**

**TAQUARA**  
**2013**

**VANUZA ALVES MITTANCK**

**A MULHER BURGUESA NOS ANOS DOURADOS: SEU  
COMPORTAMENTO E SUA INCLUSÃO NO MERCADO DE TRABALHO**

Trabalho de Conclusão apresentado ao  
Curso de História das Faculdades  
Integradas de Taquara, sob orientação da  
Prof.<sup>a</sup> Dra.Doris Rejane Fernandes.

**TAQUARA**

**2013**

## LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1-A utilização do automóvel como ostentação de prestígio social.....
- Imagem 2- Enceradeira e aspirador de pó: facilidades para o lar da mulher moderna.....
- Imagem 3- Linha de produtos facilitadores para as atividades do lar Walita.....
- Imagem 4-Produtos Walita como presente ideal para as mães .....
- Imagem 5-O liquidificador e suas vantagens: praticidade, rapidez e modernidade.
- Imagem 6-A praticidade dos produtos embalados individualmente
- Imagem 7-A lambreta: símbolo da ousadia dos jovens
- Imagem 8- Professoras: referência de bom comportamento para as alunas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	
<b>2 ANOS DOURADOS.....</b>	
2.1 O dia a dia dos anos dourados	
2.2 Anos dourados para o lar .....	
2.3 Anos dourados para o setor de alimentos industrializados.....	
2.4 Anos dourados para os grandes estabelecimentos comerciais.....	
<b>3 BRASIL EM DESENVOLVIMENTO.....</b>	
<b>4 AS MULHERES DE 1950: SEU COMPORTAMENTO E SUAS ATITUDES.....</b>	
4.1 Um bom comportamento oportuniza um bom casamento.....	
4.2 O namoro.....	
4.3 O noivado.....	
4.4 Os tipos de candidatas.....	
4.4.1 Os temíveis rapazes.....	
4.4.2 O bom rapaz.....	
4.4.3 As moças levianas.....	
4.5 O casamento.....	
4.6 A sexualidade feminina.....	
4.7 A sexualidade masculina.....	
4.8 Os periódicos como dicas de comportamento.....	
<b>5 A MULHER E SUA PARTICIPAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO.....</b>	
5.1 A buscafeminina por uma colocação no mercado de trabalho .....	
5.2 A Mulher que trabalha.....	
5.3 As empregadas domésticas.....	
5.4 As costureiras	
5.5 As professoras.....	
5.6 O trabalho na indústria e no comércio.....	
5.7 Os direitos trabalhistas adquiridos pelas mulheres.....	
5.8 O trabalho e o casamento.....	
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	

Dedico este trabalho a meu esposo Everton e ao meu filho Bruno, pela paciência e por compreenderem minha presença muitas vezes tão distante. Amo vocês.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me amar, proteger e conhecer o desejo mais íntimo do meu coração de poder cursar uma faculdade. Por escolher de uma maneira inexplicável aos meus olhos o momento ideal para que tal sonho se realizasse. Assim, enviou um anjo para minha vida, que apareceu de surpresa e se tornou minha madrinha de coração, Dona Estela, que, através de um esforço até sobre-humano, permanece firme com o desejo de me ver “formada”. Obrigada por seu apoio e confiança. Agora falta pouco. Estamos quase lá!

Agradeço aos meus pais, Efraim e Irene, que me ensinaram, através do seu exemplo, que a honestidade e o caráter estão acima de qualquer posição. Amo-os infinitamente.

Ao meu marido Everton e ao meu filho Bruno, por estarem comigo em cada passo deste caminho. A paciência, cuidado e confiança de vocês me fizeram querer seguir adiante.

Ao meu cunhado Eliseu, que não mediu esforços nem distâncias a percorrer quando eu lhe pedia socorro. A minha irmã Cristine, por aceitar os desafios de construir padres, bruxas e fantasias em um tempo recorde.

Aos colegas tão queridos de caminhada... não seria possível nomear a todos. Só vocês para compreenderem a alegria de chegar até aqui. Obrigada a todos pelos momentos inesquecíveis, pelas risadas, companhia e compreensão nos momentos mais difíceis.

Às amigas Janete Bergamo pelas palavras, apoio e por me mostrar que o caminho não era assim tão difícil, e Tânia Stenert, por todo o incentivo, cumplicidade e por ouvir pacientemente meus lamentos. Nossa amizade permanecerá para a vida.

Aos professores Daniel Gevehr, Dalva Heinheimer, Elaine Smaniotto, Jefferson Dias e Marlise Meyrer, por dividirem seu conhecimento com tanto empenho e talento.

À minha orientadora Doris Rejane Fernandes, por aceitar o desafio de caminhar ao meu lado neste momento tão importante. Obrigada pelo apoio, compreensão, paciência e por me fazer acreditar ser capaz de realizar esta pesquisa. Sua participação foi essencial. Vou levá-la para sempre em meu coração.

A vocês, minha eterna gratidão.

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como objetivo principal apresentar alguns aspectos específicos da mulher burguesa brasileira da década de 1950. Entre esses aspectos estão análises referentes ao comportamento e às atitudes das mulheres, visto que viviam em uma sociedade que impunha muitas regras sobre sua conduta e suas decisões. Abordar-se-á como se deu sua inclusão no mercado de trabalho, destinado principalmente aos homens, e como essa opção foi percebida por sua família e pela sociedade, diante do conceito genérico de que as moças deveriam casar e se dedicar exclusivamente aos cuidados com o lar, ao marido e aos futuros filhos do casal que seriam os resultados sagrados dessa união. Além disso, analisar-se-ão as principais dificuldades encontradas por essa mulher que se propôs a enfrentar esse novo desafio e em quais os ambientes poderiam exercer essas atividades. Esse período no qual se destaca a ação dessas mulheres foi denominado de “Anos Dourados”. O comportamento e o trabalho adotados nesse período iniciaram uma caminhada de conquista da autonomia e reconhecimento da mulher.

Palavras-chave: Mulher. História. Comportamento. Trabalho.

## **ABSTRACT**

This research mainly aims at presenting some specific aspects of Brazilian bourgeois woman of the 1950s . How was your behavior and attitudes considered correct them , since they lived in a society that imposes many rules on their conduct and their decisions . We address how was its inclusion in the labor market , especially for men , as this option was perceived by her family and society . Given the generic concept that girls should marry and devote himself exclusively to the care of the home , husband and future children of the couple who would be the results of this sacred union . Analyze the main difficulties faced by this woman who set out to meet this new challenge which the environments in which they could perform these activities . This period in which we highlight the action of these women was called " Golden Years " . The behavior and work adopted in this period began walking conquest of autonomy and recognition of women.

Keywords : Women. History.Behavior.Work.

## 1 INTRODUÇÃO

Por um longo período, a mulher viveu no silêncio da história<sup>1</sup>, permanecendo praticamente reclusa e limitada ao ambiente doméstico. Não era vista como participante ou construtora da história e passava despercebida pelos acontecimentos e fatos. Também não opinava e tampouco decidia. Na grande maioria das vezes, “elas mesmas, mergulhadas em silêncios impostos e sufocadas por imagens distorcidas, por muito tempo desprezaram a importância da sua história” (PINSKY, 2007, p.10) e continuaram ocultas por alguns séculos, passando como espectadoras pelos acontecimentos.

Inicialmente, as mulheres viviam longe do espaço público, “o único que, por muito tempo merecia interesse e relato” (PERROT, 2007, p.16), pois passavam seus dias dentro de casa, dedicando-se aos seus cuidados e afazeres, assim não sendo vistas pela sociedade e, portanto, não precisavam ser citadas. Eram invisíveis e estavam “destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução” (PERROT, 2007, p.16).

Michelle Perrot salienta a falta de fontes registradas pelas mulheres, ocasionada pelos poucos vestígios diretos, materiais e escritos devido ao acesso tardio à escrita. Muito do que se perdeu foi praticamente apagado por elas, que acreditavam serem fatos, dados e situações desinteressantes, “afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito” (PERROT, 2007, p. 17). Perderam-se, assim, muitas informações precisas que possibilitariam uma melhor compreensão sobre o assunto. Com o decorrer das décadas, os historiadores passam a ser cativados pelo assunto “mulheres”, surgindo a necessidade de se pesquisar e escrever sobre sua história, buscar saber como pensavam, como se viam ou se sentiam, na tentativa de desvendá-las.

O interesse pela história das mulheres teve seu despertar em 1960, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, onde a “mulher” passa a ser objeto de estudo nas áreas das ciências humanas e na história particular. Já nos anos de 1970, a mulher passa a ser analisada nas questões que a ligam à família, à natalidade e ao casamento, colocando-as como sujeitos da história, sendo agora sua presença percebida nos estudos organizados por Philippe Ariès e Georges Duby<sup>2</sup>.

Os fatores sociológicos também foram responsáveis pela maior participação das mulheres na história. Com o acesso às faculdades, a mulher passa a ter uma nova

---

<sup>1</sup>Afirmção baseada na autora PERROT. Ver: PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

<sup>2</sup>Philippe Ariès e Georges Duby: (Org) ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Volumes: I- V.

postura e procura se inserir no mercado de trabalho, pois começa a dominar um espaço anteriormente destinado aos homens.

Os movimentos de libertação das mulheres a partir dos anos de 1970 também foram importantes na busca das mulheres por reconhecimento e legitimidade, “por seu desejo de encontrar vestígios e torná-los visíveis” (PERROT, 2007, p. 20), iniciando-se um trabalho de memória que passou a se desenvolver na sociedade. Durante o decorrer do tempo, o movimento buscou mostrar novas teorias, criticando os saberes já adquiridos sobre a predominância do caráter masculino. Isso se faz mais visível na literatura, pois “quando há mistura de gêneros, usa-se o masculino plural: eles dissimulam elas” (PERROT, 2007, p. 21), fazendo, novamente, a mulher ficar à sombra do homem. Para compreender mais sobre a história das mulheres, fez-se indispensável um estudo sobre gênero.

Diferentemente do que se aprende na escola, a questão de gênero vai além dos sinônimos utilizados para diferenciar o sexo feminino do masculino. “Gênero tem sido, desde a década de 70, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual” (SOIHET, 1997, p.63), sendo utilizado, inicialmente, por feministas americanas na tentativa de acentuar as diferenças baseadas no sexo.

Estudiosos utilizam o conceito de gênero para fazer “referência a uma construção cultural: é uma forma de enfatizar o caráter social e, portanto, histórico, das concepções baseadas nas diferenças sexuais” (PINSKY, 2009, p.31). A própria sociedade interfere nessas diferenças sexuais, estabelecendo padrões e características que definem os comportamentos e personalidades ideais e condizentes com cada sexo.

O que há são construções sociais e culturais que fazem que homens e mulheres sejam educados e socializados para ocupar posições políticas e sociais distintas, normalmente cabendo aos homens as posições hierárquicas mais elevadas, enquanto às mulheres são reservadas as posições menos privilegiadas (SILVA; SILVA, 2005, p.168).

O “gênero trata da construção social da diferença sexual” (PINSKY, 2009, p.32). É o que se entende sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, o que é feminino e masculino, ou seja, os papéis desempenhados por cada um e o papel de ambos.

Ao abordar qualquer tema de gênero, necessariamente observamos uma relação. As investigações sobre a História das Mulheres ou a condição feminina em uma determinada época, por exemplo, necessariamente remetem ao estudo do papel dos homens ou das representações da masculinidade. Um “lado” só pode ser compreendido se comparado com o outro e, mais do que isso, num movimento de interação. E, se o feminino existe relacionado ao

masculino, qualquer definição ou redefinição de um deve levar em conta o outro (PINSKY, 2009, p.34, grifo da autora).

O masculino e o feminino são gêneros diferentes, com características e limitações próprias, mas que se completam e se moldam um ao outro. Para compreender um, é preciso conhecer e compreender o outro. Freud já afirmava que “os homens e as mulheres são mais ou menos espelhos uns dos outros” (*apud* GONÇALVES, 2006, p. 72).

Embora a questão de gênero por vezes seja focada no ponto sexual, o gênero também interage em outros aspectos da sociedade como a classe social e os status familiares, permitindo compreender as diferenças nas relações sociais como um todo e não somente a relação entre homens e mulheres. Pesquisas feitas por historiadores apresentam que as

concepções de gênero afetam as relações entre pessoas e grupos de pessoas não só quando se trata de relacionamento entre mulheres e homens. Estão presentes, por exemplo, nas instituições militares, no trato entre pai e filho, entre mulheres e mulheres (como mãe e filha, senhora e escrava, professoras e alunas). Estão presentes também nas ocupações profissionais, nas políticas públicas, nas artes, nos discursos científicos e filosóficos, nas idéias de cidadania (PINSKY, 2009, p.36).

O gênero também pode ser utilizado nas questões étnico-raciais, em que uma se julga soberana à outra. Entende-se que essas relações de poder, muitas vezes, também são utilizadas para explicar a discriminação de gênero, como a distribuição de renda diferente entre as classes sociais, acesso a conhecimentos e à tecnologia, pois só uma minoria tem essa oportunidade. Esse pequeno grupo é qualificado como pessoas melhores ou mais poderosas, superiores a quem não compartilha da mesma possibilidade, exercendo, portanto, relações de superioridade e poder sobre elas.

A ideia da discriminação de gênero é destacada por Peter Burke que apresenta o gênero feminino e sua participação na escrita da História como que quase completamente “invisíveis” para os historiadores. Ele afirma que boa parte do trabalho desempenhado pela mulher “não foi registrada nos documentos oficiais” (BURKE, 2002, p.77) porque essas pesquisas e trabalhos eram encomendados e realizados por homens, portanto, sem a necessidade de perpetuar os feitos femininos.

Somente com os movimentos feministas<sup>3</sup> as mulheres passaram a ser vistas com outros olhos, como autoras, participantes dos assuntos históricos e como possibilidade de contribuição para a escrita da história das gerações passadas, “a história a partir da base, a história da mulher oferece nova perspectiva sobre o passado, cujas conseqüências ainda não foram estimadas” (BURKE, 2002, p.76). O autor afirma que existe muito a ser pesquisado pelos historiadores com base na participação histórica das mulheres, que se sentem e se apresentam como esquecidas, deixadas de lado por muito tempo na trajetória da construção da historiografia. Elas, na verdade, têm muito a relatar para compensar o longo período de esquecimento e desprezo.

É preciso ter em mente que “os papéis sociais de gênero são mutáveis, e homens e mulheres podem, ao longo do tempo e dependendo da sociedade em que estão inseridos, apresentar práticas e comportamentos diferenciados” (SILVA; SILVA 2005, p.168). Mas, definitivamente, a compreensão sobre homens e mulheres não pode ser alcançada através de estudo separado de gênero. Para se compreender um, é necessário compreender e conhecer o outro e a relação que se estabelece entre ambos.

Para avaliar corretamente o gênero feminino desses “Anos Dourados”, é necessário ver como essa mulher era percebida e como se destacadas demais grupos femininos. A mulher, alvo principal desta pesquisa, é resultado da opção por aquela que compõe a classe burguesa brasileira. Ela possui alguns privilégios pela posição que ocupa e também é a responsável por desempenhar papéis de fundamental importância, entre eles o de manter

um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível (D'INCAO, 2004, p. 223).

Pode-se perceber a importância e o compromisso que esses deveres exigiam da mulher. Era dela a incumbência pelo que acontecia dentro do ambiente privado e, muitas vezes, também a responsabilidade pelo que se desejava representar nos lugares públicos, pois as suas atitudes também seriam avaliadas para a aquisição de respeito e dignidade dentro da sociedade.

---

<sup>3</sup>Movimentos feministas: movimento pelo qual se assumiu e criou uma identidade coletiva das mulheres como indivíduos do sexo feminino, possuidoras de interesses compartilhados: o fim da subordinação aos homens, da invisibilidade e da impotência, a defesa do direito de igualdade e de controle sobre seu corpo e sobre sua vida. (SILVA, Karina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 146).

O início do século XX foi um período de modernização em algumas cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo. Essa modernidade trouxe consigo a necessidade de novos hábitos para as famílias burguesas, principalmente o desejo de se tornarem homens cultos e educados (D'INCAO, 2004, p. 226). Para tanto, seriam necessários viver essa nova civilização<sup>4</sup> e agir como pessoas esclarecidas. As atitudes que não fossem condizentes com a nova maneira de vida deveriam ser evitadas. Os costumes antigos deveriam passar por uma reavaliação. Assim, “a cidade burguesa teria sistematicamente de lutar contra comportamentos, atitudes e expressões tradicionais que eram considerados inadequados para a nova situação” (D'INCAO, 2004, p. 226). Eram os ares da modernidade que sopravam sobre a sociedade e família burguesa.

As comemorações sociais começam a agitar as famílias burguesas. Eram realizados eventos como saraus, jantares e festas, que a mulher começava a frequentar, sempre vigiada pelo pai ou pelo marido. Dessa forma, “essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira adequada” (D'INCAO, 2004, p. 226), pois estariam representando, além delas mesmas, as suas famílias perante os olhares atentos da sociedade.

Frequentar tais ambientes era um modo de deixar que o status da família fosse visível e reconhecido por outras pessoas. Para obter sucesso nessa tarefa, a mulher “precisará ostentar uma imagem de luxo e civilidade em roupas e objetos que lhe distinguiriam enquanto mulher burguesa” (CEREZER, 2008, p.35). E, através dessa ostentação, poderá confirmar perante as outras pessoas que é digna da classe social que ocupa.

Com a breve explanação do modelo de vida adotado e esperado pelos demais para as mulheres burguesas, pode-se ter a noção da dificuldade enfrentada por essa mulher quando se lança em busca de emprego, setor até então dominado pelo homem. O trabalho foi o meio pelo qual essas mulheres obteriam a fonte de recursos para ostentar esses luxos que fazem parte da classe social a que pertenciam. Os cobiçados produtos que lhes despertaram o desejo de consumo encontram-se disponíveis para a venda nos pontos de comércio, grandes supermercados e magazines que surgiam neste período.

---

<sup>4</sup>Civilização: Característica cultural que se contrapunha à barbárie, de violência, de selvageria. Ser civilizado era um ideal que todos os povos deveriam almejar, mas que poucos tinham alcançado. Civilização distingue aqueles que se consideram culturalmente superiores. (SILVA, Karina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005. p.59). Emprega-se este conceito no sentido de inserção no desenvolvimento que os Anos Dourados possibilitaram à sociedade urbana brasileira.

Possuir os produtos e utensílios que surgiam na década de 1950 e prometiam revolucionar a vida das mulheres nas atividades do lar foi uma maneira de demonstrar o status e a superioridade às demais classes sociais. Para suprir suas necessidades e esse desejo de consumo tão presente,

a inserção de um contingente significativo de mulheres no mercado de trabalho provocou mudanças na demanda do consumo, lazer e conforto por parte delas [...]. As mulheres, que já tinham grande intimidade com o ato de comprar, adquiriram um papel ainda mais relevante, o que modificou a quantidade e o tipo de produtos oferecidos [...]. (PINSKY, 2012, p. 537).

A mulher já não almejava só o básico. Carla Pinsky afirma que ela já queria as novidades e as facilidades oferecidas tanto para o lar quanto para ela mesma, como cosméticos, materiais de higiene e roupas. Através dos novos desejos e posicionamento que passam a fazer parte do universo feminino, é possível analisar o questionamento da família e da sociedade que se apresenta perdida diante das razões que levam a mulher a mudar. Um bom número deixou em segundo plano os cuidados com o lar e com a família para se dedicar a outras tarefas, até então não consideradas primordiais.

As mulheres partem em busca de sua realização profissional e se permitem conquistar novas possibilidades de vida, entre elas seu salário, que lhes concede mais autonomia e independência e o reconhecimento de sua capacidade de dominar outros aspectos e ambientes que não fosse o do lar, o que lhes possibilitava sentir-se útil e capaz. Essa nova situação enfrentada pelas mulheres e esse desafio de competir lado a lado com os homens em busca de uma colocação no mercado de trabalho acabaram interferindo também em seu comportamento pessoal. De obedientes, por vezes apresentadas como frágeis e delicadas, a mulher se mostra forte e procura ser competitiva. Muda internamente para se adequar, agora, ao ambiente externo.

Sua inclusão no mercado de trabalho, as dificuldades encontradas pelas mulheres e as mudanças que ocorreram em seu comportamento que as induzem a enfrentar os obstáculos impostos pela sociedade são o assunto principal desta pesquisa. Para melhor se entender essa mulher e as situações pelas quais teve que passar para se afirmar como profissional é necessário se aproximar delas e conhecer seu dia a dia para compreender a importância do trabalho em sua vida. Foi através do trabalho que as mulheres encontraram uma possibilidade de realização pessoal para preencher o sentimento de

vazio que por vezes lhe acompanhava. Serão esses aspectos e questões que serão abordados nos capítulos apresentados neste estudo.

Essa fundamentação está baseada em literatura histórica na qual se embasam o resultado das leituras de De Lucca, Del Priore, Pinsky e Perrot. Esses referenciais apresentam a mulher burguesa da década de 1950 no Brasil e no mundo, fazendo dessas autoras e de suas obras essenciais para a elaboração desta pesquisa.

A metodologia utilizada para a execução desta análise foi de cunho qualitativo e comparativo, resultando em cinco capítulos. Para que melhor se possa analisar essa mulher e o comportamento apresentado por ela, é necessário compreender como cada autora a enxerga e a descreve, quais são os pontos fortes e as dificuldades que são retratadas em cada obra.

**Carla Bassanesi Pinsky** aborda as principais transformações que ocorrem na imagem feminina durante a passagem dos anos na história. Apresenta uma mulher que, na maioria das vezes, se encontra disposta a cumprir o papel que lhe cabe dentro da sociedade, que é o de estar preparada para o casamento ideal, perfeito e se sentir feliz com a oportunidade de ser a rainha do lar. Destaca que essa mulher tem muitas dúvidas e não sabe como agir, pois a sociedade cobra um tipo de comportamento recatado e conservador, enquanto o pretendente busca algumas liberdades condenáveis, deixando-a em dúvida.

A autora também aborda a importância da participação feminina no espaço público, sua relação com o trabalho e os outros diversos aspectos que causam curiosidades sobre o seu universo, já que “o século XX é chamado o século das mulheres” (PINSKY; PEDRO, 2012, p.9). Portanto, nada melhor que dialogar sobre as mulheres e conhecê-las melhor, analisar as mudanças e acompanhar os direitos adquiridos por elas em sua trajetória na história. Tais enfoques são abordados pela autora que busca compor os dois lados dessa mesma mulher. O seu lado frágil depende do apoio e da aprovação da família e da sociedade, mas também da mulher guerreira e perseverante, que enfrenta de cabeça erguida os preconceitos e julgamentos por tomar suas próprias decisões. Através de suas pesquisas, é possível construir um panorama sobre as mulheres e sua relação com a história, assuntos de fundamental importância para a elaboração desta pesquisa.

**Mary Del Priore** descreve a mulher dos anos 50 como tradicionalista e conservadora, buscando seguir regras impostas pela sociedade da época e pela família. Para tanto, deveria seguir um modelo comportamental já estabelecido, evitando motivos

para tornar-se mal falada. Buscava conservar e manter a boa imagem e, assim, a possibilidade de arrumar um bom marido.

Muitas dessas mulheres se sentiam realizadas e sonhavam em serem mães e esposas dedicadas, afinal, foram criadas para desempenhar tal papel e o faziam com prazer. Mas uma minoria começa a apresentar sua insatisfação com as oportunidades que lhe eram oferecidas e busca outro caminho para sua realização. As mulheres querem estudar, se profissionalizar, decidir quando casar e qual o momento para gerar os filhos. Descobrem-se sexualmente e fazem uso dessa descoberta, afinal, são donas do seu corpo e querem alçar voos mais longos, fora do domínio do lar que as aprisiona. Chocam a sociedade que não espera e nem compreende tal atitude, mas não se deixam intimidar, pois “quebram tabus tradições” (PRIORE, 2013, p. 5). São fortes, mesmo que por vezes rotuladas e excluídas, e lutam pelos seus sonhos, por seus direitos e pelo que acreditam ser uma melhor maneira de viver.

A autora aponta a necessidade de conhecer essa mulher, os caminhos percorridos por ela e como agiu perante a suposta superioridade masculina. São esses aspectos que busca abordar em suas publicações, ou seja, fatos que possibilitam “ver, ouvir e sentir” (PRIORE, 2004, p.7) essas mulheres. Através das palavras da autora, pode-se perceber como as mulheres constituíram sua vida e sua relação com o mundo que as cercava. Pode-se estudar o cotidiano, as práticas femininas e as diferentes realidades enfrentadas por elas, desvendando os caminhos percorridos pelas mulheres em diferentes momentos da história.

**Tânia Regina de Lucca** traz em seu texto a mulher que indaga, questiona e que está à procura de respostas, por isso mostra-se preocupada em ser eficiente nos assuntos domésticos, mas agradável aos olhos do marido. Para tanto, faz uso das revistas e periódicos disponíveis nos anos 50 como meio de informação e de conhecimento. Tais revistas eram produzidas para abordar as dúvidas frequentes das mulheres, mesmo que não fossem, muitas vezes, produzidas e escritas por elas. A preocupação de como agir com o marido, no trabalho da casa, culinária e conselhos poderiam ser minimizados por intermédio dessas fontes de informações que se tornaram cada vez mais numerosas e buscavam colocar as mulheres à margem das novidades que surgiam das mudanças e transformações que aconteciam no país. Através dos periódicos mais consultados na década de 1950, entre eles o *Jornal das Moças* e *O Cruzeiro*, que são utilizados em pequenos recortes pela autora, permite-se compreender mais sobre as aflições das mulheres, o que as inquieta, quais são seus desejos e seus temores mais íntimos. Esses

fatores apresentam grande importância e significados para a construção da base desta pesquisa.

**Michelle Perrot** é uma importante pesquisadora sobre o assunto “mulher”, o que justifica o estudo de suas obras. Apresenta uma mulher que passa por uma transição. Antes se acreditava inferior, indigna e dispensável de participar ativamente da história, pois se percebia desinteressante. Mas, com o passar dos anos, a mesma mulher se descobre importante, indispensável para a construção dessa mesma história, por isso já não quer mais viver às sombras e nem no silêncio, como afirma a autora, mas deseja demonstrar que também é sujeito ativo da história.

Trata, também, da sexualidade feminina, das suas relações com a família e com a sociedade e sua busca por emancipação. Esses assuntos vão ao encontro das questões abordadas e relacionadas a esta pesquisa.

O estudo contará com cinco capítulos, divididos em diferentes assuntos que visam a uma melhor compreensão do período em questão pelo leitor. No segundo capítulo, o assunto será os Anos Dourados, procurando justificar o porquê dessa denominação para este momento histórico, bem como as suas características.

Já o terceiro capítulo apresenta os principais acontecimentos e mudanças que ocorreram no governo do Brasil e que possibilitaram a consolidação da década de 1950 como os Anos Dourados. O quarto capítulo aborda a questão comportamental da mulher, o que lhe era permitido e quais atitudes deveriam ser evitadas. Analisa também a importância do casamento para a grande maioria dessas jovens e o constante controle e observação de suas atitudes pela sociedade e também pela família.

No quinto capítulo, descrevem-se os desafios e os preconceitos com que eram tratadas as mulheres que se decidiam por exercer uma atividade remunerada no ambiente público, comportamento até então destinado aos chefes da casa. Abordam-se também as atividades aceitas e indicadas para serem exercidas por elas.

Este trabalho de conclusão busca analisar os comportamentos ideais para uma moça de família neste momento histórico, bem como o que ela esperava do futuro em relação ao casamento e ao trabalho. Além disso, visa estudar a posição tomada pela sociedade e pela família tão tradicionalista e mantenedora de antigas tradições neste momento de mudanças e inovações. O comportamento das mulheres e o desafio de sua entrada no mercado de trabalho são os principais pontos dessa abordagem. Para contextualizá-la, segue-se com a apresentação do Brasil dos Anos Dourados e os

acontecimentos que ocorreram no país, concedendo essa denominação para o período de 1950.

## 2 ANOS DOURADOS

Este capítulo aborda alguns acontecimentos que permitiram ao Brasil um grande avanço no setor industrial. Tal progresso possibilitou, entre outros fatos, o surgimento de muitas novidades que levariam mais conforto e facilidades para as donas de casa. No primeiro momento, esses produtos eram restritos à classe social de maior poder aquisitivo. Com o passar do tempo, esses produtos se tornaram populares e acessíveis às demais classes sociais. Essas transformações e novidades concederam a este momento uma denominação especial, os chamados “Anos Dourados”.

Assim, este capítulo contará com quatro subcapítulos. Eles buscam apresentar algumas das inovações que surgiram em diferentes setores industriais e que influenciaram diretamente nos produtos que foram dedicados ao lar, ao setor de alimentos e aos novos modelos de estabelecimentos comerciais.

### 2.1 O dia a dia dos Anos Dourados

Muitas das inovações que surgem no país, neste momento, foram criadas para serem utilizadas diariamente pelas donas de casa, prometendo mais conforto, agilidade e facilidade para desempenhar as atividades do lar. Assim, faziam com que as mulheres sentissem o desejo e a motivação de permanecerem em casa e continuassem desempenhando a função de Rainha do Lar e educadora dos filhos. Serão essas as questões abordadas a seguir.

No Brasil, a década de 1950 ficou conhecida como os “Anos Dourados”. Alguns fatores contribuíram para que esse período recebesse essa denominação. Foi um período que apresentou “uma ascensão da classe média” (PRIORE, 2013, p. 65) e que permitiu a esse segmento a possibilidade de usufruir dos benefícios e das novidades que estavam surgindo no setor comercial. O fim da Segunda Guerra Mundial possibilitou ao país uma nova esperança de crescimento, tanto na industrialização quanto no crescimento urbano. Essas mudanças permitiram uma melhor qualidade de vida da população.

Essas melhorias proporcionaram a algumas famílias muito mais conforto e diversão, oferecidos pelos produtos que eram disponibilizados. “O carro popularizou-se, assim como a piscina de clubes, o cinema e as excursões e as viagens” (PRIORE, 2012, p. 283). Essas eram algumas novidades que agitavam a vida em sociedade, nos ambientes públicos. Serviam também como forma de status e afirmação econômica.

Os carros mais desejados eram os importados, como o Cadillac, devido ao luxo que oferecia, mas tal produto era pertencente ao “consumo moderno dos ‘superiores’, dos ricos e privilegiados” (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 605, grifo dos autores). Tal produto não era destinado às classes sociais mais inferiores, devido ao seu preço elevado.

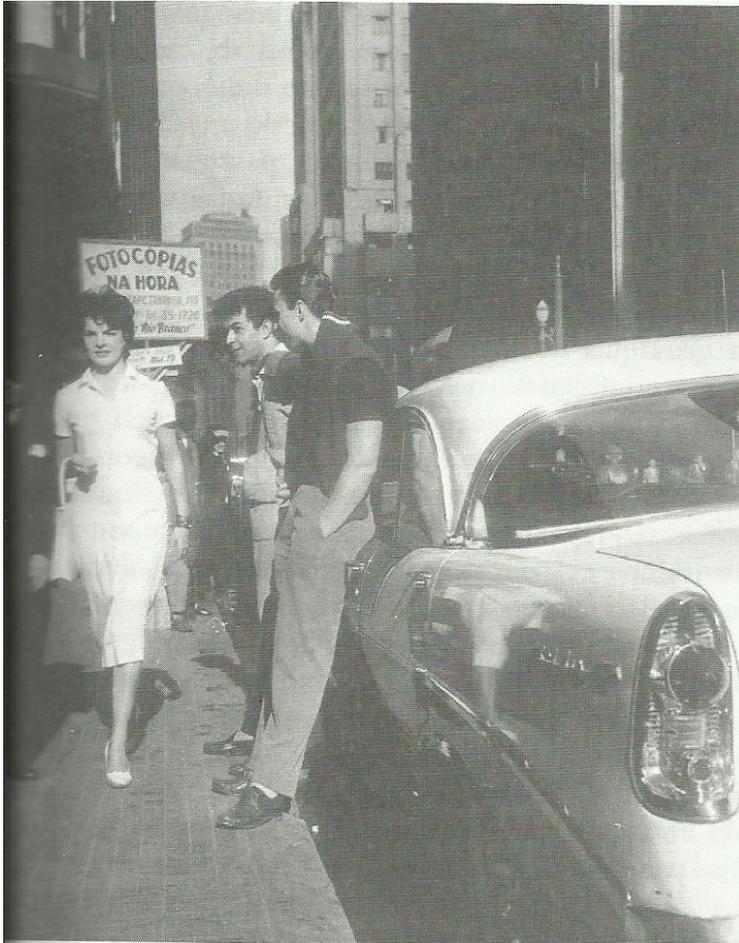


Imagem1: A utilização do automóvel como ostentação de prestígio social.

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo/ Fundo Última Hora.

A imagem anterior representa a ostentação causada pela posse de um automóvel, em que dois rapazes se encontram encostados no carro, fazendo uso dele como uma maneira de se apresentarem mais interessantes, despertando, assim, a atenção da moça que caminhava pela movimentada rua da cidade de São Paulo. Já na década de 1950, a posse de carros importados era uma característica da sociedade favorecida, causando admiração e status para as pessoas. Era utilizado como atrativo para chamar a atenção

das moças, pois também servia como forma de afirmação do status social dos rapazes e da família à qual o automóvel pertencia. Na produção automobilística nacional de 1953, a Volkswagen<sup>5</sup> apresenta, ao presidente da República Getúlio Vargas, os modelos de automóveis que eram montados no Brasil, sendo esses popularmente conhecidos como o fusca e a kombi.

Durante o governo de Juscelino Kubitchek (1956 -1969), a indústria automobilística nacional continua em expansão, e várias fábricas aproveitam esse impulso e iniciam sua produção, que cresce e se desenvolve com o passar do tempo. “Produzíamos automóveis, utilitários, caminhões, ônibus e tratores” (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 563). Esse foi um momento de crescimento no setor automobilístico nacional, possibilitado por um país em desenvolvimento que permitia a fabricação de quase toda matéria-prima de que o setor necessitava.

## 2.2 Anos dourados para o lar

A industrialização que estava em constante crescimento possibilitou grandes melhorias e facilidades para as atividades relacionadas ao trabalho no lar, com o lançamento de produtos e utensílios destinados a facilitar o trabalho desenvolvido pelas donas de casa. As tarefas domésticas realizadas antes dessas inovações criadas pelas indústrias necessitavam de um grande período de tempo e de um grande esforço físico para serem executadas, pois as donas de casa deveriam

carregar lenha, acender o fogo, transportar água, processar alimentos, cozinhar, ajoelhar-se para esfregar o chão, esvaziar penicos, lavar toda a roupa (de lençóis a paninhos higiênicos) à mão, ferver, esfregar, bater, quarar, estender, passar a ferro quente com brasas, engomar. Também era preciso fazer sabão e confeccionar as vestimentas mais comuns. O pão, a manteiga as geléias, as compotas e, frequentemente, os embutidos e os defumados eram produzidos em casa (PINSKI, 2012, p. 496).

Assim, era necessário que as donas de casa se empenhassem ao máximo para conseguirem realizar todas as tarefas diárias em seu lar, devido a dificuldades que cada uma dessas tarefas apresentava para ser executada. Entretanto, “a ‘boa dona de casa’

---

<sup>5</sup>Volkswagen: Primeira empresa alemã a aceitar o convite de fabricar seus veículos no Brasil. (MELLO, NOVAIS, 1998, p. 563).

não tem preguiça, é trabalhadeira e dá conta de fazer (ou administrar) tudo isso com um sorriso nos lábios” (PINSKY, 2012, p. 496, grifo da autora). Segundo Carla Pinsky, mesmo sendo difícil o trabalho realizado pelas mulheres, era feito com prazer e com alegria.

As dificuldades sofridas para a realização de simples tarefas começam a ser diminuídas no momento em que a energia elétrica, a água encanada e o gás são disponibilizados para o consumo, embora nem todas as pessoas tivessem condições financeiras de fazer uso desses produtos neste primeiro momento. Mas quem tinha acesso a essas novidades conseguia observar as mudanças e a comodidade que elas proporcionavam.

Os ambientes ficaram mais limpos, os alimentos e a água livre de contaminação por dejetos, os móveis menos empoeirados, as roupas menos encardidas. Os lares ganharam chuveiros, privadas, descargas, lâmpadas. A pasteurização aumentou a segurança alimentar. Aos poucos, o crescimento da indústria do vestuário e o conseqüente barateamento da confecção de roupas livraram as donas de casa de terem que produzi-las (PINSKI, 2012, p. 496).

Esse avanço industrial possibilitou a oferta de produtos e maneiras de facilitar o trabalho, fazendo com que a execução das tarefas domésticas fosse realizada com muito mais rapidez e eficiência, proporcionando à dona de casa mais tempo livre. Com a energia elétrica disponível, empresas se aperfeiçoam na criação de produtos e eletrodomésticos para tornar a vida das donas de casa bem mais tranquilas: as chamadas “facilidades da vida moderna” (PINSKI, 2012, p. 500). Essas facilidades se compõem de produtos como

[...] o fogão a gás (embora o a lenha continuasse muito popular) e aparelhos elétricos como o ferro de passar e a geladeira [...]. Donas de casa com mais recursos podiam contar também com aspirador, batedeira, enceradeira e, tempos mais tarde, máquina de lavar roupa (PINSKI, 2012, p. 500).

Esses produtos acabaram sendo muito bem aceitos e incorporados no ambiente doméstico, em que permanecem ainda hoje como essenciais para desenvolver e facilitar a realização dessas atividades.

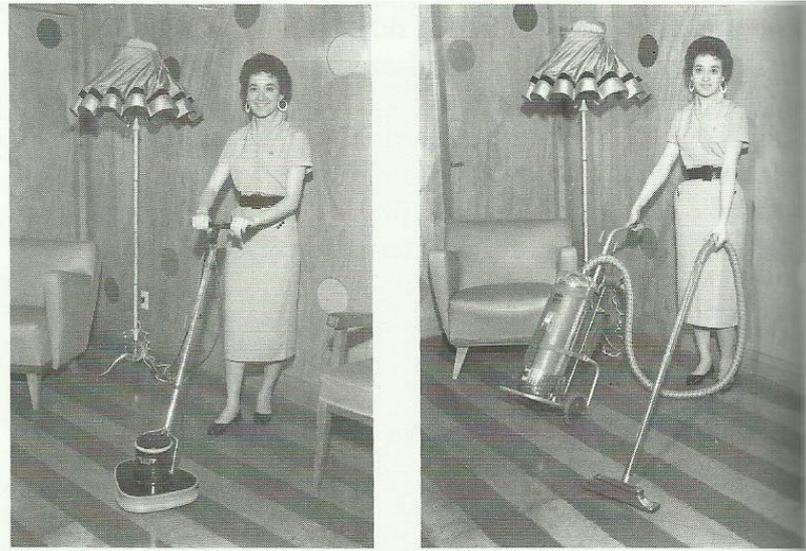


Imagem 2: Enceradeira e aspirador de pó: facilidades para o lar da mulher moderna.

Fonte: Fritz Neuberger/ Acervo Iconographia

A imagem dois ilustra os eletrodomésticos produzidos para o uso doméstico, neste caso, a enceradeira e o aspirador de pó. Deve-se observar a expressão do rosto feminino, demonstrando a satisfação em utilizá-lo e a simplicidade de seu modo de usar. Percebe-se a mulher bem vestida, usando acessórios como cinto e brincos. Nota-se um modo de vestir e portar-se diferenciado da mulher que deveria realizar essas atividades sem esses produtos, de modo cansativo, trabalhoso e difícil.

BATEDORA DE BOLOS WALITA

LIQUIDIFICADOR WALITA

**Em cada produto**  
**Walita** uma experiência de **2 milhões**  
 de aparelhos em uso!

Esta é a maior garantia que Walita lhe oferece: 2 milhões de famílias brasileiras — o maior laboratório de provas do mundo — já aprovaram os aparelhos Walita... sempre com grande sucesso!

E Walita é a marca que mantém o recorde mundial de produção de liquidificadores — 1 milhão de liquidificadores Walita estão em uso no Brasil...

uma consagração da sua superior qualidade! Perfeitos no primeiro dia, perfeitos pelo tempo afora, os aparelhos da Família Walita continuam sendo os mais práticos... os mais úteis para o seu lar!

Procure o seu Walita no seu Revendedor Walita... e siga uma experiência aprovada por 2 milhões!

**P.S.** Walita é garantia de alta qualidade, com motores desenhados e fabricados exclusivamente pela própria WALITA.

Produtos da **ELETRO-INDÚSTRIA WALITA S. A.**  
 Rua Dr. Álvaro Alvim, 76 - Cx. Postal 8218 - São Paulo  
 Filial: Rua Máximo, 90 - 2º andar - Rio de Janeiro  
 Rua 7 de Setembro, 1116 - 6º andar - Porto Alegre

**Lembre-se: Quem tem Walita tem tudo!**

ASPIRADOR DE PÓ WALITA

ENCERDEIRA WALITA

MOTOR ELÉTRICO WALITA para máquinas de costura

VENTILADORES WALITA

FERRÃO ELÉTRICO AUTOMÁTICO WALITA

Imagem3: Linha de produtos facilitadores para as atividades do lar Walita<sup>6</sup>.

Fonte: PINSKY, 2012, p. 501.

<sup>6</sup>Royal Philips Eletronics, conhecida como Philips, que possui três grandes divisões: Sistemas médicos, eletrônicos de consumo e iluminação. Estabelecida no Brasil no ano de 1930. Responsável pela marca de eletrodomésticos Walita.

As propagandas encontradas em revistas e jornais do período divulgavam a tecnologia que facilitava a vida no lar.

A imagem três apresenta alguns dos produtos oferecidos pela empresa Walita, que prometia facilitar as atividades e tarefas da dona de casa com a utilização desses eletrodomésticos. O serviço doméstico seria realizado de maneira mais prazerosa, limpa, eficiente e rápida, sobrando mais tempo disponível para permanecer ao lado de sua família. As imagens remetem a uma dona de casa feliz, com um sorriso nos lábios, muitas vezes com os filhos ao seu lado.

A fabricante desses produtos – Walita - foca na ideia principal de que seus produtos proporcionam momentos de interação e bem-estar para os componentes da família, já que possui a experiência de dois milhões de aparelhos na residência de brasileiros. Seu foco é a mulher, dona de casa, mãe e esposa.

Os periódicos da década de 1950, como a *Revista das Moças* e *O Cruzeiro*, desempenhavam a importante tarefa de ensinar às jovens e às futuras esposas a arte de usar corretamente os aparelhos domésticos que surgiam neste momento, como o liquidificador, aspiradores e máquina de costura. Tais “aparelhos elétricos chegavam com a promessa de facilitar o trabalho doméstico, a ‘dona de casa ideal’ deveria sentir prazer em cozinhar, cuidar da casa e dos filhos, e ainda manter-se elegante” (PINSKY, 2012, p. 501, grifo da autora). Mostravam nitidamente que o lugar ideal para as mulheres seria o lar e que esses eletrodomésticos tinham como propósito que as mulheres se sentissem felizes e desejosas de permanecer envolvidas com as atividades domésticas.

As imagens a seguir demonstram os eletrodomésticos que surgem para facilitar o trabalho doméstico e a vida da dona da casa da década de 1950.



Imagem 4: Produtos Walita como presente ideal para as mães.

Fonte: [http://www.bricabrac.com.br/reclames\\_walita.htm](http://www.bricabrac.com.br/reclames_walita.htm)

A imagem quatro apresenta para as donas de casa os produtos fabricados pela empresa Walita disponíveis para a venda no comércio. Sugere, ainda, serem esses os presentes ideais para as mães no Natal. São diversos os produtos que se destinam com exclusividade a oferecer mais conforto, praticidade e rapidez na execução das tarefas do lar. Dessa forma, sugerem conforto a ser adquirido para melhorar a vida.



Imagem5: O liquidificador e suas vantagens: praticidade, rapidez e modernidade.

Fonte:[http://www.bricabrac.com.br/reclames\\_walita.htm](http://www.bricabrac.com.br/reclames_walita.htm)

A propaganda do produto anteriormente ilustrado na imagem cinco destaca a qualidade e a variedade de atividades executadas pelo liquidificador. No folheto, estão impressas estas características:

Por processo rapidíssimo prepara deliciosos coquetéis de frutas e legumes ricos em vitaminas, sopas, cremes e outros pratos saudáveis e saborosos. Fácil de manejar e de limpar. Copo de vidro resistente a altas e baixas temperaturas. Leva o selo de aprovação do Departamento Nacional de Iluminação a Gás.

Destaca-se a facilidade de uso, a resistência do produto e a credibilidade da empresa, por ser a mais antiga e especializada fábrica de aparelhos elétricos de uso doméstico. Portanto, um produto ideal para estar presente nos lares do Brasil.

Com a utilização desses produtos desenvolvidos para facilitar as atividades da dona de casa, a mulher poderia executar suas tarefas de maneira mais fácil e rápida. Isso significa que, “enfim, a dona de casa de classe média, que não poderia contar com várias empregadas, poderia ocupar-se do lar, cuidando da alimentação dos filhos e do marido sem ter que se submeter ao trabalho ‘pesado’, ao labor” (OLIVEIRA, 2010, p.

146, grifo da autora), sobrando-lhe, assim, mais tempo para estar arrumada e preparada para receber o marido que chegava do trabalho.

A modernidade e o progresso nas indústrias que ocorriam neste momento favoreciam o surgimento e uma multiplicação dos produtos e eletrodomésticos. De acordo com Pinski, “o país impregnava-se da ideologia desenvolvimentista e privilegiava um projeto industrial voltado para os bens de consumo, permitindo que parcelas cada vez maiores da população tivessem acesso a essas novidades” (PINSKI, 2012, p. 500).

Essas empresas, responsáveis pela fabricação de utensílios facilitadores das atividades para o lar, percebendo a oportunidade desse setor comercial, passaram a investir neste ramo e a produzir outras variedades de produtos, como os destinados à limpeza, os utensílios plásticos e os tecidos sintéticos. As roupas prontas, feitas em grandes quantidades, tornaram a compra de roupas prontas mais acessíveis, descartando a necessidade da dona de casa confeccionar as vestimentas da família.

A evolução chegou também para as panelas. As de barro foram substituídas pelas panelas e frigideiras de alumínio, e a panela de pressão também foi colocada à disposição, juntamente com

o liquidificador e a batedeira de bolo [...], o secador de cabelos; a máquina de barbear, concorrendo com a gilete, o aspirador de pó, substituindo a vassoura e o espanador, a enceradeira, no lugar do escovão, depois veio a moda do carpete e do sinteco, a torradeira de pão [...], o rádio de pilha[...] a TV preto-e-branco, depois a TV em cores, com controle remoto, o vídeo cassete; o ar condicionado (MELLO; NOVAIS, 1998, p.564).

Para a população, foi disponibilizada uma infinidade de novos produtos. Cada produto desempenhava uma função diferenciada, mas todas destinadas a tornar as atividades realizadas no lar mais fáceis e eficientes.

Os anos dourados podem ser percebidos dentro dos lares, pois surgiram, no decorrer dos anos 50, produtos que tornaram a vida da dona de casa mais fácil, possibilitando a realização de tarefas, antes tão árduas e penosas, mais simples e prazerosas de serem executadas. De início, esse conforto foi destinado a uma classe social de maior poder aquisitivo, mas, com o passar do tempo, pessoas pertencentes às outras classes também foram adquirindo tais produtos. Além das novidades que surgiam para facilitar o trabalho das donas de casa, apareceram também novidades nos setores de alimentos. Foram os anos dourados para o setor de enlatados industriais.

### **2.3 Anos dourados para o setor de alimentos industrializados**

As novas técnicas e o progresso também chegaram ao setor alimentício, como alimentos acondicionados em recipientes, diferentes do modo tradicional de comércio em que o produto era comercializado sendo “retirados de tonéis, de sacos ou de vidros imensos e colocados em sacos de papel” (MELLO; NOVAIS, 1998, p.565). Agora, os produtos se apresentam enlatados, em grande variedade, fáceis de acomodar e de armazenar na despensa.

Chegou o extrato de tomate, a lata de ervilha, de palmito, de milho, de legumes picados, o leite condensado, o leite em pó, alguns só para as crianças, o creme de leite, o iogurte, novas espécies de biscoito e macarrão, os achocolatados, [...] a azeitona em lata, depois em vidro... (MELLO; NOVAIS, 1998, p.565).

Pode-se perceber que tais produtos foram bem aceitos pelas pessoas, pois passaram a ser produzidos em maiores quantidades. Novas marcas de produtos aparecem no mercado e começam a fazer parte da vida de muitas pessoas, como os sorvetes Kibon, o guaraná Antártica, a Coca-cola, mais tarde a Pepsi, a Fanta uva ou laranja. Além disso, os chocolates passam a ter um, consumo maior. São vendidos, por exemplo, o chocolate Bis, o Sonho de Valsa, o Alpino, o Diamante Negro. Já “o chocolate Kopenhagem e o Sonksen só para os ricos e uma ou outra vez para os remediados” (MELLO; NOVAIS, 1998, p.565). São muitos os produtos que estão disponíveis, sendo alguns desses destinados a pessoas com melhores condições financeiras, como pode ser visto no caso dos chocolates.



Imagem 6: A praticidade dos produtos embalados individualmente.

Fonte: Arquivo da cidade de São Paulo/Fundo Última Hora

A imagem seis apresenta alguns produtos industrializados. Pode-se notar a diversidade dos gêneros alimentícios que são oferecidos, sempre salientando a praticidade de armazenamento e sua durabilidade. Vê-se a alegria e o entusiasmo que a senhora demonstra ao manusear e conferir os diferentes tipos de alimentos disponibilizados agora em latas e empacotadas individualmente.

Os anos dourados, para o setor de produtos industrializados, pode ser observado pelo sucesso e pela boa aceitação desse novo sistema de venda desses gêneros alimentícios. A década de 50 representou um momento de evolução e oportunidade de crescimento para a indústria.

Essa nova opção no modo de venda de produtos contribuiu para que surgissem estabelecimentos maiores, que vendessem de tudo um pouco e que reunissem em um só lugar várias marcas e opções de mercadorias. Surge então, neste momento, o supermercado.

#### **2.4 Anos dourados para os grandes estabelecimentos comerciais**

Alguns dos grandes comércio também tiveram a oportunidade de usufruir desse avanço e do progresso proporcionado pelos anos dourados. As novas maneiras de

comercialização seguem os avanços produtivos e também se reorganizam, destacando-se o supermercado que acaba interferindo e derrotando antigos pontos de venda, “o armazém, o açougue, [...] a peixaria – mantendo-se apenas para os ricos. Vai derrotando, também, a quitanda ou a carrocinha [...]” (MELLO; NOVAIS, 1998, p.566).

A partir desse momento, as pessoas decidem fazer as comprar em um lugar com uma grande variedade de produtos, obrigando antigos e pequenos comerciantes a fecharem suas portas, por não poderem concorrer com os grandes estabelecimentos comerciais. Assim, foi possível perceber que a década de 1950, no Brasil, apresentou um momento de grande desenvolvimento. Muitas empresas surgiram e trouxeram consigo uma enorme variedade de produtos que revolucionaram a vida de uma grande parcela da população: foram automóveis, aparelhos eletrodomésticos e inovações no setor de alimentos, sendo que muitos desses produtos ainda se encontram nas prateleiras dos mercados que a sociedade frequenta hoje.

Mas esse desenvolvimento só se tornou possível porque o Brasil passava por um momento de expansão industrial. O governo priorizava e almejava esse crescimento nacional, inicialmente almejado pelo então presidente do país Getúlio Vargas e depois, também buscando o progresso nacional, pelo presidente Juscelino Kubitschek. Para melhor compreensão deste momento histórico, faz-se necessário uma melhor análise desse processo de desenvolvimento que acontecia no país neste período.

### 3 BRASIL EM DESENVOLVIMENTO

Para o melhor entendimento deste período e porque foi considerado “anos dourados” é necessário se analisarem as principais mudanças que estavam acontecendo no Brasil neste momento em relação à política do país e seu crescimento industrial.

A década de 1950 inicia com Getúlio Vargas como Presidente da República, tendo como objetivo incentivar o desenvolvimento econômico do país através da industrialização. Boris Fausto destaca que

foram feitos investimentos públicos no sistema de transporte e de energia [...]. Tratou-se de ampliar a oferta de energia para o Nordeste e equacionou-se o problema do carvão nacional. Ocorreu também o reequipamento parcial da marinha mercante e do sistema portuário (FAUSTO, 2000, p. 409).

Apesar do esforço de dinamizar a economia, o governo de Getúlio Vargas sofria com o avanço da inflação, pois os trabalhadores eram a classe mais atingida e sofriam com a alta do custo de vida. O presidente, então, se viu pressionado a encontrar uma solução.

Em julho de 1953, Getúlio Vargas faz algumas mudanças em seu governo, trazendo para auxiliá-lo, no Ministério do Trabalho, João Goulart, e Osvaldo Aranha para o Ministério da Fazenda. Outro fator marcante foi a série de greves. Entre essas destacam-se as greves gerais de março em São Paulo, quando trabalhadores buscavam melhores salários, e a greve dos marítimos, que visavam a melhorias salariais e condições favoráveis de trabalho, bem como o afastamento da atual direção da Federação dos Marítimos. João Goulart se dedica a resolver as questões que giram em torno das greves, buscando soluções viáveis.

O governo de Getúlio Vargas continua apresentando insatisfações. Alguns dos adversários do presidente pertenciam à União Democrática Nacional (UDN), a partidos menores e, agora, contavam com a imprensa, sendo representante desse setor Carlos Lacerda, proprietário do jornal Tribuna da Imprensa, meio pelo qual se pregava a renúncia do presidente. Os ânimos militares opositores ao governo esquentaram neste período, bem como houve a inquietação do Exército “decorrente da deterioração de seus poderes morais e materiais” (FAUSTO, 2000, p. 415), sugerindo grandes mudanças e melhorias.

Em 1954, Getúlio Vargas, novamente, reorganiza seu ministério excluindo do cargo João Goulart, que passa a ser visto pelas massas como um homem que buscava benefícios aos trabalhadores.

Como os norte-americanos hesitaram em realizar novos investimentos no setor de energia elétrica, Getúlio Vargas cria a Eletrobrás em 1954. Mas não é o suficiente para acalmar os ânimos dos trabalhadores, que pressionam o governo por um aumento no salário que se apresenta defasado. Getúlio Vargas, sem base de apoio ao seu governo, se desequilibra.

Com a tentativa de assassinato de seu opositor Carlos Lacerda, Getúlio Vargas tinha contra si a suspeita de um homicídio, piorando sua situação e pedidos de renúncia. Tal pressão o levou a tirar a própria vida com um tiro no coração em 24 de agosto de 1954, deixando como mensagem aos brasileiros a carta-testamento contendo a frase de impacto: “[...] saio da vida para entrar na História”. Seu mandato é concluído pelo vice-presidente Café Filho.

Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK) é o sucessor empossado como presidente em 31 de janeiro de 1956, embora algumas tentativas de impedir tal acontecimento tenham ocorrido. Juscelino Tomou para si diversos desafios: “governar estritamente dentro dos limites constitucionais e democráticos; acelerar o desenvolvimento econômico, implantando novas indústrias” (MOREIRA, 2003, p.157) e estradas que conduziram à nova capital, Brasília.

Os anos JK podem ser considerados de estabilidade política: “Mais do que isso, foram anos de otimismo, embalados por altos índices de crescimento econômico, pelo sonho realizado da construção de Brasília” (FAUSTO, 2000, p. 422). Juscelino tinha como slogan a frase: “Cinquenta anos (de progresso) em cinco”, pois pretendia fazer o Brasil avançar em cinco anos o que se levaria cinquenta anos para alcançar, ou seja, visava-se ao desenvolvimento nacional.

Durante a campanha presidencial, Juscelino apresentou sua proposta apontando os setores que deveriam ser melhorados e ampliados conseguindo o apoio da população. “Seu maior compromisso foi acelerar as transformações e o crescimento econômico do ‘gigante adormecido’ para transformá-lo em uma nação próspera em todos os quadrantes de seu território e, sobretudo, para todos os seus habitantes” (MOREIRA, 2003, p.158, grifo da autora). Seu governo ficou conhecido como o mais bem sucedido da experiência democrática, afirma Vânia Maria Losada Moreira.

Juscelino inicia seu governo apontando a necessidade de instaurar o “desenvolvimento e ordem” (FAUSTO, 2000, p. 424). Para conseguir tais objetivos, criou o Programa de Metas, que incluía trinta e um objetivos e seis grandes grupos, sendo esses energia (metas 1 a 5), transportes (metas 6 a 12), alimentação (metas 13 a 18), indústrias de base (metas 19 a 26), educação (meta 30) e a construção de Brasília que

só foi incorporada ao Plano de Metas durante a campanha presidencial, mas rapidamente se transformou em uma das prioridades de Juscelino. Ele situava Brasília, aliás, em lugar de destaque, considerando-a “a grande meta de integração nacional” ou, ainda, a “meta-síntese” de sua administração (MOREIRA, 2003, p. 159, grifo do autor).

Muitos resultados favoráveis foram atingidos através de suas propostas, sendo que “os resultados do Plano de Metas foram impressionantes, sobretudo no setor industrial” (FAUSTO, 2000, p. 427). Houve um enorme crescimento em diferentes setores, como, por exemplo, no valor da produção industrial que teve um crescimento de 80% no setor de eletricidade, 380 % na comunicação, 600% no material de transporte e 100% nas indústrias do aço, sendo que o aço era muito utilizado na fabricação de automóveis e eletrodomésticos. Nessa época, ocorreu grande crescimento na venda de bens de consumo.

O governo de Juscelino também acabou associado à implantação de indústrias automobilísticas, como a Fábrica Nacional de Motores (FNM). As empresas multinacionais Willys Overland, a Ford, a Volkswagen e a General Motors se instalam no ABC paulista, transformando a característica física da região: “a indústria automobilística passou a concentrar operários em proporções inéditas no país” (FAUSTO, 2000, p. 428).

Juscelino apresenta um país em progresso e desenvolvimento, com oportunidade de trabalho, gerando uma melhor qualidade de vida à classe trabalhadora, que pode consumir mais e melhor. “Na memória dos brasileiros, os cinco anos de Juscelino são lembrados como um período de otimismo associado a grandes realizações” (FAUSTO, 2000, p. 429).

Alguns problemas surgem no governo Juscelino, entre eles “os gastos governamentais para sustentar o programa de industrialização e a construção de Brasília e um sério declínio nos termos de intercâmbio com o exterior resultam em déficits do orçamento federal” (FAUSTO, 2000, p. 432). Esse déficit é resultado de um governo

que gasta mais do que arrecada, pois a obra de Brasília e o aumento de salário dos setores do funcionalismo só contribuíram para aumentar o rombo nos cofres públicos.

Juscelino Kubitschek conclui seu mandato, mas a ideia principal de um país com possibilidades de progresso para o Brasil continua. Sua marca é deixada na história, perpetuada na construção da cidade de Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960.

Vânia Maria Losada Moreira afirma que “não é por mero acaso, portanto, que quinquênio JK tenha recebido, posteriormente, o epíteto de ‘anos dourados’ e que, ainda hoje, Juscelino Kubitschek seja tido como uma espécie de modelo para vários políticos, defensores da ordem capitalista e democrática para o Brasil” (MOREIRA, 2003, p.158, grifo da autora).

Juscelino desempenhou uma significativa atuação como presidente da República. Pode-se verificar tal atitude ao compará-lo com outros governantes,

ao contrário da prática de alguns candidatos a cargos da administração pública, que assumem compromissos e metas e depois não cumprem, ou até mesmo realizam coisas muito diversas daquelas prometidas. Juscelino implementou passo a passo seu programa de governo, então considerado bastante ambicioso tendo em vista as condições nacionais. As principais avaliações de sua administração são uníssonas em afirmar que a realização do Plano de Metas foi coroada com sucesso (MOREIRA, 2003, p.160).

Os anos de 1950 foram um período de expansão, tanto na economia e na política, percebida na busca pelo desenvolvimento do país, quanto nas mudanças que ocorreram no interior da sociedade. Evoluíram as pessoas, o modo de pensamento e os objetivos para o futuro.

Nesse período, o Brasil passava por mudanças. A década de 1950 ficou conhecida como os “Anos Dourados” devido às grandes transformações ocorridas no país. As tecnologias descobertas no período das Guerras Mundiais, unidas com o modo de produção em massa, acabaram oportunizando algumas novidades destinadas a facilitar as atividades do lar como visto no capítulo anterior.

Neste capítulo, pode-se notar que o Brasil estava passando por um período de expansão proporcionado pela industrialização que ocorre neste momento. Essa industrialização foi de grande importância para o crescimento interno do país e, através desse crescimento, novas empresas surgem e começam a fabricar produtos que vão desempenhar um papel importante na vida da população.

Com a oferta de produtos cada vez maior sendo colocada à disposição nos pontos de venda, algumas mudanças ocorreram dentro do ambiente doméstico. Na esfera familiar, muitas donas de casa passaram a desejar tais produtos, mas “para tudo isso é preciso dinheiro, muito dinheiro, sempre mais dinheiro” (PERROT, 2005, p.65). Assim, a mulher busca se inserir no mercado de trabalho, até então predominado pelo sexo masculino.

É um novo desafio para a mulher burguesa, que não havia desenvolvido atividade remunerada anteriormente e visa a uma colocação no mercado de trabalho. Esse fato resulta em protesto masculino e desaprovação da sociedade, que não via com bons olhos essa decisão, culpando a mulher por abandono do lar.

## **4 AS MULHERES DE 1950: SEU COMPORTAMENTO E SUAS ATITUDES**

Este capítulo aborda os comportamentos considerados ideais para as moças que viviam no Brasil na década de 1950. Esse foi um período de grande controle sobre elas, tanto da parte familiar quanto em relação à sociedade, que não relevava alguns tipos de comportamentos. As moças que agiam de maneira contrária aos considerados bons costumes acabavam tendo seu nome apontado, recebendo apelidos pejorativos e levando o nome da família às rodas de conversa, como apresentado a seguir.

Este capítulo está dividido em oito subcapítulos que buscam descrever o comportamento das mulheres da década de 1950 quanto ao comportamento considerado ideal para uma moça de boa família e os passos percorridos pelo casal entre o início do namoro até a realização do casamento.

### **4.1 Um bom comportamento oportuniza um bom casamento**

A década de 1950, conhecida como “Anos Dourados”, ficou marcada por ter suas próprias características, seus valores e padrões, embora se vivesse um período de inovações e progresso no país. Alguns segmentos da sociedade demoraram mais para aceitarem as mudanças proporcionadas pela evolução do tempo, principalmente daqueles segmentos mais tradicionais, que defendiam a continuidade dos costumes e tradições.

Um dos principais temores dessa década era a possibilidade das moças de não conseguirem um bom casamento, afinal, foram educadas e preparadas desde sua mais tenra infância para desempenhar o importante e reconhecido papel de esposa e mãe. Portanto, o enlace matrimonial deveria ocorrer com a moça ainda jovem, sendo a idade de dezoito anos a ideal para constituir o matrimônio:

uma mulher com mais de vinte anos sem a perspectiva de um compromisso corria o risco de ser vista como enalhada, candidata a ficar para titia. Aos vinte e cinco, considerada uma solteirona, já era fonte de constrangimento. (BASSANEZI, 2004, p.619).

Os homens costumavam se casar com a idade entre vinte e seis e vinte e sete anos, sendo que, na cidade, o casamento era realizado com os jovens mais velhos, diferentemente do interior, onde os jovens se casavam mais novos. Acreditava-se que, casando cedo, o casal teria mais tempo de conviver junto, aprendendo a conviver com

os costumes e as manias do seu cônjuge, tendo muito tempo para adaptar-se a elas. A revista *O Cruzeiro* já dispensava um conselho para as jovens que pensavam em se casar cedo, incentivando-as:

Há vantagem em casar-se cedo? Sim [...] A mulher jovem tem mais energia para a criação de filhos [...] marido e mulher quando são jovens adaptam-se melhor [...] Muita gente, entretanto se insurge contra o casamento cedo, tanto para a mulher quanto para o homem, alegando que este precisa “gozar a vida” e que aquela não deve assumir tão jovens as canseiras de mãe de família e dona de casa. Quem argumenta assim são espíritos fracos que tem medo a responsabilidade, pois nenhuma mulher bem casada e que tenha personalidade lastimará os trabalhos decorrentes do casamento. Ela se sentirá útil e esse simples pensamento a aliviará em seus momentos de canseira [...] (BASSANEZI, 2004, p.619- 620, grifo do autor).

Percebe-se que o casamento era aconselhado mesmo para as moças ainda jovens, pois, assim, teriam tempo de aprender e amadurecer ao lado do esposo, construindo uma vida de descobertas e aprendizagens juntos. Além disso, as moças ainda teriam muita disposição e ânimo para criar e educar os filhos.

Essa era uma das tradições impostas pela sociedade que buscava estabelecer modelos no estilo de vida e no comportamento das pessoas. Na verdade, tentava-se fazer com quase moldassem a padrões previamente estabelecidos, rejeitando e condenando o que fosse diferente de sua concepção de ideal.

A sociedade, juntamente com as famílias, buscava conservar os bons costumes, tentando afastar as filhas das modernidades que apareciam no momento. Tinha-se medo de que essas novidades acabassem interferindo no comportamento da juventude, passando, então, a criticar o rock n’roll e as danças que permitiam abusos com as jovens.

Alguns conservadores chegaram a criticar o cinema americano por trazer para o Brasil más influências, mostrando como normais hábitos condenáveis, tais como mocinhas ousadas e cheias de iniciativa que não respeitam os mais velhos ou que não vêem mal algum em passar horas com um rapaz em seu carro ou apartamento! A literatura também estava sob suspeita e os pais e educadores deveriam controlar as leituras das moças recomendando obras edificantes ou, ao menos, inofensivas à moral e aos bons costumes (BASSANESI, 2004, p. 610).

Procurava-se preservar e dirigir a mocidade para lugares bem frequentados, como o carnaval familiar, as festas em clubes seletivos e na casa dos amigos,

incentivando “a juventude saudável que sabe se divertir – sem escandalizar – e a brotolândia que dá exemplo de amor aos estudos e à família” (BASSANEZI, 2004, p. 621). Proporciona-se, assim, um clima familiar e seguro, na tentativa de manter as jovens em segurança e fora dos incentivos que as induzissem ao mau caminho.

Esse período também se caracteriza pela mudança de comportamento e de rebeldia de alguns jovens “meninos e meninas que bebem cuba-libre, frequentam o Snack Bar em Copacabana, usam blusa vermelha e blue jeans, mentem para seus pais, cabulam aula e não pensam no futuro” (BASSANEZI, 2004, p. 622). Esses comportamentos considerados inadequados viriam causar preocupação na geração que adquiria novas maneiras de viver e que chegaria mais longe, com a ajuda das lambretas que surgiam para ficar, caracterizar e eternizar a juventude rebelde durante os anos dourados.



Imagem 7: A lambreta: símbolo da ousadia dos jovens.

Fonte: PESAVENTO, 1999, p. 143.

O Jornal Correio do Povo divulgava, em suas páginas, o meio de transporte preferido pela juventude. No embalo dos anos 50, a lambreta, representada na imagem sete, tornou-se símbolo da juventude transviada. Era um meio de transporte que se destacava pelo baixo custo e pela facilidade de condução. Servia também para causar a admiração das moças. “Conseguir uma namorada exigia uma lambreta. Os jovens ricos tinham carro, claro, mas tinham que ter lambreta também” (CHAVES, 2012, sem nº

página). A lambreta possibilitava o movimento e a circulação dos jovens pela cidade, além de ser um meio de transporte rápido e econômico.

Quando um rapaz e uma jovem se conheciam e após algumas conversas surgiam algumas afinidades, iniciava o período de se conhecerem mutuamente, período conhecido como namoro. Tal período também exigia a observância de algumas regras e tinha a família sempre por perto para evitar algum tipo de avanço na relação do casal.

#### **4.2O namoro**

O namoro também obedecia a uma série de cuidados, regras e controle rígido da família. Era um momento importante, que poderia levar a um relacionamento mais sério, portanto, era fundamental para a moça apresentar boa educação e um total controle sobre suas emoções.

Uma moça direita deveria estar muito atenta para não expor sua família perante uma sociedade que condenava atitudes e comportamentos fora do padrão já estabelecidos como corretos para a mulher. Para tanto, algumas atitudes eram de grande importância e deveriam ser seguidas com rigor e seriedade.

Tais cuidados deveriam ser colocados em prática já no momento de preparação para o namoro. Geralmente, o namoro era antecedido por um período de flerte, em que olhares e elogios poderiam levar a algo mais sério. A iniciativa deveria ser do homem sendo a moça proibida de fazê-lo, assim como as juras de amor deveriam partir do suposto pretendente, pois à moça cabia o papel de se preservar. Durante o namoro, a moça deveria portar-se exemplarmente, sem permitir ao pretendente intimidade alguma. Mesmo com a tentativa do rapaz, era necessário ser virtuosa e encantadora.

Para possibilitar que esse namoro se transformasse em algo mais sério, algumas atitudes tomadas, discretamente, sem serem percebidas pelos homens, eram aceitáveis. Entre elas estão ser gentil, estar sempre bem arrumada, elogiar as qualidades do namorado, mas sempre de maneira sutil, deixando muito evidente que se tratava de uma moça de família e que não estava disposta a intimidades condenáveis.

Muitas regras eram impostas pela família e pela sociedade e deveriam ser seguidas rigidamente pelas moças dos anos 50, “pois ninguém que preste aceitaria se casar com uma dodivana, uma desclassificada que não soube dar-se ao respeito” (PRINSK, 2012, p. 468). Assim, algumas regras básicas durante o período do namoro

deveriam ser consideradas. Mary Del Piore exemplifica, citando que o rapaz buscava e levava a namorada em casa; as bebidas alcoólicas não eram permitidas; a conta era paga pelo homem; as conversas e piadas picantes eram impróprias; os abraços e beijos deveriam ser evitados, assim como assuntos mais íntimos (PRIORE, 2011, p. 163). As maneiras corretas de agir deveriam ser utilizadas no ambiente público, demonstrando a boa educação recebida pela jovem, evitando, dessa maneira, que a moça se tornasse rotulada e mal falada. Assim,

durante os chamados Anos Dourados, aquelas que permitissem liberdades “que jamais deveriam ser consentidas por alguém que se preze em sua dignidade” acabam sendo dispensadas e esquecidas, pois “o rapaz não se lembrará da moça a não ser pelas liberdades concedidas”(PRIORE, 2011, p.163- 164, grifo da autora).

Portanto, seria mais fácil e aceitável obedecer às regras, pois essas buscavam preservar e proteger a moça da língua felina da população. Na revista *O Cruzeiro*, foram citados alguns cuidados que deveriam ser primordiais para o comportamento das jovens:

A experiência aconselha, em benefício da moça que quer conviver com rapazes, que, conquanto tenha confiança em si mesma, nunca tenha confiança em tal grau que a exponha a todas as provas. O amor é uma força que às vezes cega – é preciso andar de olhos abertos para não cair. [...] Encontrar-se com um desconhecido e sair com ele é arriscar muito.

Nem sempre a popularidade é uma boa recomendação para a moça [...] nem sempre o rapaz se diverte com a moça de maneira recomendável para ela.

Depende muito da moça a maneira como é tratada pelos rapazes. Se dá preferência a modas e modos provocantes, perde o direito de queixar-se se o rapaz quiser avançar o sinal. O estímulo quem deu foi ela. [...] chamar a atenção dos rapazes [...] com gestos estudados e sensuais é depreciativo para a moça.

Os automóveis são um excelente meio de condução. Mas às vezes levam a moça longe de mais. É preferível evitá-los pelo menos em passeios fora da cidade ou lugares desertos (BASSANEZI, 2004, p.612).

Para que as jovens não corressem riscos desnecessários, algumas artimanhas eram utilizadas, como o uso de um acompanhante durante os passeios. Era um costume da época o “segurador de vela” que poderia ser parentes próximos, amigas e irmãos. Essa ação era muito comum, pois garantia que o casal não ficasse a sós, contribuindo para a boa reputação da jovem.

O namoro era visto como uma etapa de preparação para o noivado e futuro casamento, sendo assim, era necessário não perder tempo com aproveitadores. O tempo de duração do namoro também deveria ser observado, pois não deveria durar muito, isso colocaria em dúvida a reputação e a intenção do rapaz. Um namoro muito longo não era

bem visto pela sociedade, uma vez que se almejava desse casal uma futura união, que seria alcançada após a tomada de um passo também importante: o noivado.

### 4.3 O noivado

Após o período do namoro que permitia ao jovem casal se conhecer melhor, se o sentimento fosse recíproco, o próximo passo seria o noivado. Também era considerado uma situação de seriedade, respeito e boas intenções indispensáveis por parte do rapaz, mas quem era responsável por se manter no controle da situação e dos possíveis avanços do noivo era a moça.

O noivado era percebido como um compromisso formal, ou seja, uma preparação para o casamento. Por isso, as jovens deveriam ter um cuidado especial, pois, com a proximidade do evento, o casal poderia sentir-se mais íntimo para possíveis avanços na relação.

Novamente, era a jovem que deveria impor os limites, não concedendo liberdades ao noivo, mesmo que esse os tentasse. “Cabia especialmente à jovem reprimir as tentativas desesperadas do rapaz, conservando-se virgem para entrar de branco na igreja” (PRIORE, 2011, p. 164). Não importava que seus desejos fossem reprimidos, uma vez que acima deles estavam as regras e os padrões que deveriam ser seguidos. Percebe-se que esses conselhos e avisos estavam por toda parte, sempre visando e buscando conservar a moça e sua virtude, estampadas em jornais, nos princípios da Igreja e no ambiente familiar.

A revista *Jornal das Moças* trazia em suas páginas conselhos destinados às noivas. Algumas dicas diziam que

evite a todo custo ficar com o noivo[...] a sós [quando] deixam-se levar pela onda dos instintos que para lastimarem, mais tarde, pela vida toda [...] vocês cometem o crime de roubar ao casamento sensações que lhe pertencem, correndo o risco de frustrar a vida matrimonial (BASSANEZI, 2004, p.619).

Pode-se notar que a desculpa de ignorar tais tradições como justificativa para se defender de suas atitudes errôneas não seria aceita neste período, pois as regras eram claras, bem divulgadas e constantemente lembradas. Das jovens era esperado um comportamento de anjo da família e que tivesse “uma força inabalável, emoldurada por uma graça irresistível” (SANT’ANNA, 2012, p.110). Esperava-se que elas fossem

firmes em seu propósito de chegarem ao casamento virgens e puras, evitando a todo custo serem mal faladas e apontadas pela sociedade que não poupava críticas e desprezo para com a jovem e toda a sua família se isso não acontecesse.

Para não correr perigo e fugir das possíveis tentações, alguns tipos de rapazes deveriam ser evitados pelas moças de boa família. Assim, os candidatos deviam ser analisados cuidadosamente por elas.

#### **4.4 Os tipos de candidatos**

Dependendo das atitudes e dos comportamentos apresentados e utilizados perante a família e a sociedade, tanto as moças quanto os rapazes acabavam recebendo alguns rótulos que correspondiam a algumas características apresentadas por esses jovens que acabavam por distingui-los dos demais. Também se poderiam colocar em destaque as boas características, como também serem apontados os comportamentos e as falhas que não eram considerados apropriados na década de 1950.

Os rapazes poderiam ser chamados de temíveis ou de bom rapaz; já as moças poderiam ser conhecidas como levianas ou moças casadouras. Para melhor compreensão desses termos, faz-se necessário conhecer seus significados e as principais características dos rapazes considerados os temíveis e os mulherengos.

##### **4.4.1 Os temíveis rapazes**

Os rapazes eram considerados perigosos. Eles acabavam se aproveitando da ingenuidade de algumas moças, que se entregavam a eles e acabavam sendo abandonadas logo depois.

Alguns perigos rondavam o ambiente em que viviam essas jovens e poderiam pôr em risco os planos de uma vida feliz e honrada, portanto, deveriam ser evitados ao máximo. Um desses perigos era conhecido como o “aproveitador”, que desempenharia a função de “abusar da ingenuidade feminina e, ao partir, deixaria o coração e, pior, a honra em pedaços” (PRIORE, 2011, p. 166). Portanto, compreendiam-se a proteção e os

cuidados desempenhados pela família de preservar a inocência das jovens, que não estavam preparadas para enfrentar esse tipo de situação.

Outro perigo existente era o “mulherengo”, isto é, o homem que já possuía um compromisso firmado com outra jovem, “mas insaciável nos seus apetites” (PRIORE, 2011, p. 166), disposto a tentar corromper e se aproveitar da inocência das moças mais ingênuas. Mesmo com a existência desses rapazes que se buscavam manter longe das moças de família, existia também aquele rapaz que era o tão esperado e almejado, por ser um rapaz distinto e sério. Esse era considerado o bom rapaz.

#### 4.4.2 O bom rapaz

O bom rapaz era aquele com comportamentos e atitudes irrepreensíveis, ou seja, o príncipe dos sonhos de qualquer moça. Era o tipo de candidato considerado e idealizado pela família e pela sociedade como o “bom partido”. Deveria ser dotado de características singulares. Como “bom caráter, correto e respeitador”, que jamais passaria dos limites da decência. Mas, se os ultrapassasse, estava perdoado: afinal, era a “natureza do homem” falando mais alto (PRIORE, 2011, p. 166). Mas não seriam todas as moças que teriam direito de merecê-lo. Somente podiam casar com o bom rapaz as moças de comportamento e reputação irrepreensíveis. Esse rapaz era o príncipe dos contos de fadas aguardado e idealizado pelas jovens.

#### 4.4.3 As moças levianas

Nem todas as moças seguiam as regras. Algumas ousavam viver o condenável. As moças conhecidas como levianas e mal faladas eram aquelas com quem os rapazes namoravam, mas sem o objetivo de uma relação mais séria, pois se permitiam aventuras antes do matrimônio, portanto, não eram escolhidas e nem consideradas dignas de um bom casamento. “Deveriam, inclusive, ser evitadas pelas boas moças para que estas não fossem atingidas por sua má fama e seus maus exemplos” (BASSANEZI, 2004, p.612). Portanto, não era aconselhável nenhum tipo de vínculo ou amizade entre elas.

Algumas atitudes e comportamentos eram característicos de uma leviana e serviam para diferenciá-la das moças de família. O uso de roupas muito insinuantes e sensuais, que deixassem o corpo à mostra, eram marcas registradas dessas jovens, que saíam com diferentes rapazes para os encontros em locais escuros. As atitudes que sugerissem intimidades com um homem também causavam desaprovação da sociedade, que via nesses gestos um desrespeito e desprezo pelas tradições e costumes preservados nesta época. Elas eram exemplo do que não fazer e acabariam respondendo por essas atitudes impensadas futuramente.

Difícilmente, os homens aceitavam casar com uma mulher que não fosse mais pura. Até mesmo o “Código Penal de 1890 previa a possibilidade de anulação do casamento se o homem constatasse que a mulher já não era mais virgem” (PRIORE, 2013, p.56). Portanto, nessas condições, o casamento poderia ser cancelado.

Mesmo com todas essas regras impostas pela sociedade e pela família, havia aquelas jovens que preferiram alternar seus caminhos e seguir o oposto do estabelecido. “Estas transgrediam fumando, lendo coisas proibidas, explorando sua sexualidade nos bancos dos carros, discordando dos pais e abrindo mão da virgindade, e por vezes do casamento, para viver um grande amor” (PRIORE, 2011, p. 165).

O resultado de tais aventuras, muitas vezes, acabava nos braços das mulheres que embalariam os filhos que teriam que criar sozinhas. Esses comportamentos inapropriados por vezes lhes permitiam rótulos pejorativos, como “vassourinha” ou “maçaneta”, adjetivos que descreviam a garota considerada fácil ou aquela que permitia beijos ousados e manifestações de sexualidade.

Mesmo chegando a ser admiradas por alguns por sua coragem de viver o momento, fazendo o que desejassem, era improvável que essa moça se casasse, pois apenas uma pequena minoria dos homens admitiam e aceitariam se casar com uma moça “deflorada por outro” (BASSANEZI, 2004, p. 613). Mesmo com a própria namorada, o homem não aceitava e tolerava atitudes mais liberais, mesmo estimuladas por eles, pois temiam que tais liberdades também estivessem sendo concedidas a namorados anteriores.

Assim, a moça que se aventurasse a manter algumas relações sexuais e que desejasse ter a oportunidade de um bom casamento deveria manter tais “escapadas” no mais absoluto segredo. Caso suas atitudes fossem descobertas, essa jovem poderia ter o casamento anulado, pois a esposa e a futura mãe não deveria ser portadora de nenhuma mancha ou mácula.

Aquelas jovens que se mantiveram firmes em seu propósito de contrair um bom casamento e se preservaram de atitudes e comportamentos inadequados passariam para o próximo estágio, o tão aguardado casamento.

#### **4.5 O casamento**

O período de noivado era uma ocasião em que os casais poderiam conviver um pouco mais, sendo “é claro que, para casar, as jovens teriam que conhecer rapazes - já estava fora de moda casar sem afeto, apenas pela vontade dos pais” (BASSANEZI, 2004, p. 610). Esse, portanto, era o momento de descobrir e conviver com suas semelhanças e diferenças. Assim, se tudo desse certo, os noivos poderiam enfim marcar a data do casamento, tão aguardado e sonhado pela moça e por sua família.

A mulher passava então a partir do casamento a desempenhar a função que seria uma marca de feminilidade, de ser esposa e futuramente mãe. Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar, faziam parte da essência feminina, sem história, sem possibilidade de contestação (BASSANEZI, 2004, p. 609).

Essa era a maneira pela qual a mulher poderia encontrar a felicidade e fazer felizes outras pessoas, como sua família e a do futuro marido. Aceitava, dessa maneira, o que o destino lhe tinha reservado e preparado, não lutando contra a sua natureza feminina.

Assim, desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse casar. E o casamento, porta de entrada para a realização feminina, era tido como “o objetivo de vida de todas as jovens solteiras” (BASSANEZI, 2004, p.610, grifo da autora).

Ainda nos anos 50, o casamento era visto como sendo o principal objetivo de vida da grande maioria das mulheres, uma vez que, sem dúvida, “as mulheres eram, por natureza, destinadas ao casamento e à maternidade” (PINSKY, p. 470). Era uma missão inspirada por Deus e defendida pela Igreja que via no casamento um ato indissolúvel e sagrado.

O casamento por amor já se torna possível neste momento, até porque

“as mulheres vivem para o amor”. Romantismo e sensibilidade eram nos Anos Dourados, características tidas como especialmente femininas, sendo que toda literatura estava disposta a alimentar esta inclinação. Amor romântico sim, mas domesticado! Nada de paixões que violem as leis da moral e da ordem. O amor só é aceitável se não rompesse com os moldes convencionais de felicidade ligada ao casamento legal e à prole legítima. A abnegação poderia fazer parte do amor feminino, o deslize passionai nunca (BASSANEZI, 2004, p. 618, grifo da autora).

Assim, o amor domesticado era um amor controlado, passivo e não um amor conturbado, capaz de exageros e atos impensados, pois o casamento deveria acontecer quando houvesse amor, mas acompanhado de juízo e razão. Era através do matrimônio que poderiam pôr em prática todas as habilidades adquiridas durante anos de educação e preparação, pois a sociedade impunha que todas “as mulheres nascem para ser donas de casa, esposa e mães” (BASSANEZI, 2004, p. 607). Sabendo da importância do casamento, a moça deveria seguir algumas regras impostas pela sociedade da época, que ditava os padrões de comportamento a serem seguidos.

A moça com comportamento ideal para conseguir um bom casamento era a chamada moça de família, pois sua moral sem manchas lhe garantia o respeito da sociedade, ou seja, era a futura rainha do lar. “Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes” (BASSANEZI, 2004, p. 610). Acima de tudo, estava sua reputação, seu caráter, além de necessário manter sua auto-imagem. A moça se tornava responsável por preservar e garantir o nome da família, que seria motivo de chacota e desprezo pela sociedade se a jovem se comportasse de maneira oposta àquilo que se esperava.

A jovem noiva que agia de acordo com as regras e costumes perpetuados através das décadas via então seus planos e sonhos se tornarem mais concretos com a proximidade da data tão esperada da cerimônia. Eram muitos preparativos e detalhes que deveriam ser executados com todo o cuidado e esmero. A organização da cerimônia e da festa contava com o empenho de toda família para que tudo se realizasse perfeitamente.

Na realidade, o sacramento do matrimônio só se consolidou no século XIII, surgindo na idade medieval. Antes disso, o casamento não precisava ter o consentimento de ambos os noivos, pois “não era indissolúvel, nem monogâmico” (PRIORE, 2013, p. 56). Com o transcorrer dos séculos, alguns desses princípios

evoluíram e alguns até deixaram de existir, até chegarem aos padrões aceitáveis e seguidos atualmente.

Já os rituais utilizados na cerimônia iniciaram-se nesse momento e se estenderam pelas gerações futuras. Algumas dessas tradições ainda hoje são seguidas. Mary del Priore exemplifica algumas dessas tradições e rituais que atravessaram os séculos:

- A união das mãos: simboliza o socorro entre os cônjuges e o laço de felicidade que surge;

- Anel de noivado: atitude que existe desde a antiguidade, sendo o anel confeccionado com ferro. No século XV, o anel passou a ostentar uma pedra preciosa. Já o hábito de o anel ser utilizado no dedo anelar da mão esquerda surgiu de uma crença egípcia que acreditava que um nervo ligava esse dedo ao coração. A aliança traduzia uma promessa de fidelidade e compromisso entre o casal, adotada, posteriormente, no resto do mundo;

- Acordo de casamento: surge no Renascimento como sinal de permissão e bênção dos pais aos jovens noivos e a reunião em que o contrato seria assinado;

- Coroa de flores na cabeça da noiva: é uma tradição de origem bizantina, que tem como objetivo atrair a proteção divina. As flores brancas, geralmente de laranjeira, representavam a virgindade e a fecundidade, sendo de uso obrigatório no passado. Essa moda foi exportada da França para o Brasil no século XIX;

- Lua de mel: é uma tradição adotada no século XIX, surgindo de uma expressão viking, o hidromel (uma bebida feita com água e mel), que fermentado era bebido durante a semana nupcial;

- Sair à francesa: saída discreta dos noivos para a lua de mel, sem ser percebida pelos presentes;

- Jogar arroz sobre os noivos: utilizado na saída do casal da igreja, trazia votos de boa sorte;

- Enxoval: costume antigo que trazia *lingerie* pessoal, artigos para cama e mesa. Era presente do pai da noiva;

- O branco no casamento: vestido de casamento longo, branco e com um véu de renda. Moda lançada pelas esposas de dom Pedro I, Amélia de Leuchtenberg. A seguir, dona Francisca também se utilizou de vestido com essas características na cerimônia com o príncipe de Joinville (PRIORE, 2013, p.57, 59).

Esses são exemplos de alguns rituais que faziam parte das cerimônias de casamento de séculos passados, que atravessaram décadas e acabaram se perpetuando e sendo utilizados na atualidade por casais que buscam realizar uma cerimônia tradicional, mesmo que por vezes realizando sacrifícios para garantir tal solenidade. Ainda permanecem nas cerimônias da atualidade o vestido branco, a decoração da igreja, os planos da festa, a chuva de arroz “e o clássico nervosismo do noivo” (PRIORE, 2013, p. 95). São detalhes que ainda encantam os convidados, tendo como o momento mais esperado a entrada da noiva e sua condução pelo pai até o altar em que se encontra o futuro marido.

A cerimônia de casamento durante a década de 50 era um momento em que sonhos se realizavam, porque, perante a família, os amigos e a sociedade, a moça afirmava ter se preservado de todas as atitudes e comportamentos inadequados. Portanto, era merecedora de vivenciar e comemorar a realização de seu enlace matrimonial, preparada, agora, para novos desafios que viriam, como os cuidados com o lar, com o esposo e com os futuros filhos.

Nessa nova família que surgia, algumas situações eram muito bem esclarecidas. As atividades domésticas como cozinhar, lavar, limpar a casa e cuidar dos filhos eram atividades realizadas exclusivamente pela esposa, destinando-se ao homem pequenos reparos e consertos, pois ele era considerado o chefe e detinha o poder e o domínio sobre a esposa e os filhos. Sua palavra era a ordem e somente depois dele é que a esposa exercia alguma autoridade. Salientava-se a necessidade de conversas entre o casal, mas o direito de decisão cabia ao homem, afinal, era ele quem conduzia a família e essa dependia dele.

A esposa deveria

ter o marido e os filhos como centro de suas preocupações [...] o bem estar do marido era tomado como ponto de referência para a medida da felicidade conjugal, a felicidade da esposa viria como consequência de um marido satisfeito (BASSANEZI, 2004, p. 627).

A satisfação do marido se daria pela desenvoltura e talentos desempenhados pela esposa nas atividades domésticas. Aquelas que as realizassem com esmero e dedicação despertariam no homem o reconhecimento e o desejo de permanecer em casa, junto com a família. Já o fracasso nessas atividades domésticas poderia causar grandes transtornos no lar.

Outro fator responsável pelo bom andamento do casamento recaía sobre a esposa, que deveria estar sempre com boa aparência, pois, assim, poderia continuar encantando o marido, conforme os conselhos disponíveis nos periódicos da época: “a caça já foi feita, é preciso tê-la presa” e “um homem que tem uma esposa atraente em casa, esquece a mulher que admirou na rua” (BASSANEZI, 2004, p. 628). Percebe-se, novamente, que o peso e a responsabilidade de um casamento bem sucedido recaíam sobre as mulheres, como se essas tivessem o dever de proporcionar a felicidade e a harmonia dessa união sozinhas e ainda representá-las perante a sociedade quando o marido estivesse ausente, sendo-lhe exigido a perfeição no comportamento, para que ela não o envergonhasse diante de seus amigos.

O que acontecia na realidade era que a esposa vivia em uma realidade diferente de seu esposo, pois “pouco se comunicava com o marido, nem compartilhava experiências ou idéias com ele” (BASSANEZI, 2004, p. 629). Passava quase que a totalidade do tempo dentro do ambiente doméstico, desempenhando suas atividades, muitas vezes até sem assuntos a serem discutidos pelo casal em questões que não fossem os assuntos familiares, pois não havia mais assuntos em comum a serem discutidos entre eles. A mulher se tornava a companheira, que lhe oferecia conforto e o estimulava em seus projetos. Bassanezi, em estudos realizados no periódico *Jornal das Moças*, aponta que:

A esposa que realmente deseja o bem do marido deve saber realçar-lhe as qualidades de espírito e de coração, o valor pessoal e até incensar sua vaidade [...] Jamais deve imiscuir-se nas atividades profissionais do marido, a não ser para expressar aprovação por suas obras, e, a não ser que o homem seja realmente incapaz, ela evitará opinar sobre suas decisões (BASSANEZI, 2004, p. 630).

A esposa deveria sempre estar atenta ao marido, tecendo-lhe elogios, encontrando qualidades e o encorajando nos momentos de dificuldade, preocupando-se, constantemente, com o seu bem-estar. Era desejo da esposa que o marido se sentisse bem acolhido e tivesse vontade de retornar para o lar ao fim do dia. Tais atenções o fariam mais feliz, sem a necessidade de buscar fora do lar os carinhos que lhe eram dedicados pela esposa.

Outro fator que também traria disposição para o marido permanecer em casa era o cuidado que a esposa deveria ter com ela mesma. Precisava estar sempre impecável,

bem arrumada e perfumada, não devendo nunca se encontrar desleixada. Assim como havia um modelo de boa esposa, também havia qualidades físicas que despertavam a atenção e o interesse dos homens, como “cintura fina, quadris largos, ombros roliços, seios insinuantes, pernas grossas e bem torneadas: o ideal da beleza feminina da década de 1950” (SANT’ANNA, 2012, p.114). Esses eram os atrativos que caracterizavam a mulher “violão” com uma beleza fascinante. Essas qualidades seriam buscadas e desejadas pelas mulheres, que tentariam alcançar tais atributos através dos produtos cosméticos que faziam verdadeiros milagres e que eram oferecidos na mídia do momento.

Os concursos de misses e as atrizes de televisão e cinema já influenciavam e inspiravam as mulheres a seguir um modelo de beleza, ou seja, a desejar ser como elas. Tais sentimentos ainda prevalecem no universo feminino, como tentar copiar ou se aproximar do modelo que se julga admirável e perfeito. Uma mulher bonita e feliz despertaria o desejo no marido de estar em casa em sua companhia.

Um casamento feliz e harmonioso poderia durar para sempre. Esse era o desejo de praticamente todas as mulheres, que temiam muito a possibilidade de uma separação ser cogitada. A mulher não via possibilidade de viver sem o marido que visava a sua proteção tanto financeira quanto perante a sociedade. Não se viam com bons olhos as mulheres separadas, muitas vezes sendo preferível um casamento infeliz, mas de fachada, a enfrentar preconceito e ser apontada pelos demais como incapaz de manter um casamento.

Muitas vezes, a esposa era vista como a principal responsável pelas traições do marido, sendo, por vezes, aconselhada a perdoá-lo e a aceitar os deslizes cometidos por ele, como maneira de evitar uma possível separação, que acabaria por condená-la, mas, com certeza, o absolveria dessa culpa. Afinal, as regras impostas pela sociedade para os homens eram mais flexíveis em relação às aventuras extraconjugais vividas por eles, pois,

com o casamento, o homem não perdia, na prática, o direito a ter as “liberdades” terminantemente negadas às suas esposas. O argumento principal baseava-se na idéia de que o homem tinha necessidades sexuais diferentes e bem maiores se comparadas com as mulheres- uma característica natural masculina (BASSANEZI, 2004, p. 632, grifo da autora).

Os deslizes cometidos pelos homens eram amplamente defendidos e deveriam ser ignorados pelas esposas, pois essas atitudes faziam parte da natureza masculina, uma

vez que eles não possuíam absoluto controle das suas atitudes. As mulheres eram aconselhadas nesses casos a agir com tranquilidade e serenidade, tratando-o muito bem, afinal, o marido sempre volta, já dizia o dito popular. O marido poderia reavaliar a escolha errada, chegando à conclusão de ter agido erroneamente em suas escolhas e, portanto, passaria a dar mais atenção a sua família, priorizando a continuidade de seu casamento, não pondo em risco uma união planejada para perdurar por toda a vida.

As mulheres não tinham essa necessidade sexual aflorada. Era inconcebível a ideia de que essas pudessem procurar satisfação em relações fora do casamento. Periódicos da época aconselhavam as esposas a não lamentarem a falta de assistência do marido, pois esse acabava se cansando e se dedicando ao trabalho, com a intenção de garantir o sustento e o conforto da família.

Já as esposas infiéis, que se atrevessem a buscar relações extraconjugais, se fossem descobertas, sofreriam grandes preconceitos e críticas, podendo receber punições por tais atitudes e comportamento. O marido que tivesse sua honra manchada por culpa de uma esposa infiel, no caso de crime passionai, seria perdoado pela lei. “Para os homens, ser chamado de corno manso – marido traído que não reage com violência – era considerada uma grande humilhação” (BASSANEZI, 2004, p.632). A separação, neste caso, era uma atitude inevitável. Uma mulher infiel, provavelmente, não seria uma mãe ideal.

Mesmo que a esposa estivesse insatisfeita com sua vida matrimonial, sentindo falta de atenção e carinho, deveria evitar esses sentimentos, auto-controlar-se e permanecer fiel ao esposo, pois “o remorso, a vergonha moral e os riscos de perder o marido, os filhos e o respeito social não compensariam o prazer enganoso e fortuito de uma aventura extraconjugal” (BASSANEZI, 2004, p.632). A resignação era a melhor saída para a esposa insatisfeita, pois, além da possibilidade de perder sua família, perderia também o respeito da sociedade, ficando marcada e apontada pelos demais, sendo destinada a carregar tal fardo por toda sua vida.

Para os casais que não encontravam alternativas para continuarem com o casamento, o desquite surge como uma possibilidade de separação oficial do casal, mas não dissolvia os laços conjugais e nem concedia oportunidade para um novo casamento. As mulheres que optavam pelo desquite acabavam sendo menosprezadas e vistas com maus olhos pela sociedade. A conduta feminina estava em constante avaliação. Muitas vezes, as mulheres abriam mão de uma nova união, pois um deslize poderia fazer com que perdessem a guarda dos filhos.

O homem não sofria preconceitos tão violentamente como as mulheres no caso de um desquite. Caso resolvesse ter uma nova mulher, não teria sua reputação nem sua honra abaladas. Já os filhos sempre seriam rotulados e apontados na rua como pertencentes a um lar desfeito.

O divórcio chegou a ser cogitado, mas alguns movimentos foram contrários a essa possibilidade, pois acreditavam que outros casais seriam incentivados a pôr fim em um casamento por questões irrelevantes, desentendimentos e atitudes precipitadas. As estruturas familiares seriam afetadas e enfraqueceriam. O divórcio foi aprovado como lei algumas décadas mais tarde, nos anos de 1970. Alguns casais desquitados, que buscavam uma maneira de legalizar a nova união, recorriam a contratos formais, casavam por procuração e, muitas vezes, no exterior, mesmo que esses documentos não tivessem valor legal no Brasil ou mesmo que não contassem com as bênçãos da Igreja.

Percebe-se que, mesmo que os anos tenham se passado, algumas tradições e costumes caíram em desuso e até desaparecido. Porém, algumas delas permanecem na atualidade, embora com menor grau de importância e relevância, como o desejo ainda existente de grande parte das mulheres de se unirem em casamento a um homem de bem, formarem uma família estruturada e feliz e que essa união perdure, inabalável pelos anos, como os sonhos dourados das moças.

Outras maneiras e atitudes acatadas pelas mulheres parecem por vezes exageradas, como a necessidade de agradar incondicionalmente e constantemente o marido, a quem devem uma espécie de veneração e obediência. Embora o leitor possa sentir-se por vezes inconformado com tais atitudes, é importante observar o momento histórico. Nesse contexto, esses comportamentos são aceitáveis.

Os anos de 1950, embora de grande desenvolvimento industrial no país, não alcançaram tão grande avanço na mentalidade das pessoas. Ainda se valorizavam certos costumes e atitudes. Tanto a família quanto a sociedade cobravam e exigiam alguns comportamentos, não aceitando atitudes contrárias as que já estavam perpetuadas com o passar das gerações e no decorrer dos anos.

Embora em alguns pontos o progresso vivido pelo país tenha contribuído para a possibilidade de algumas mudanças nas tradições tão presentes nesse período, é possível observar que em relação à sexualidade feminina não se observam grandes mudanças. A mulher deveria ainda continuar agindo como as mulheres que a antecederam no decorrer da história, permanecendo fiel ao esposo e ao laço sagrado do matrimônio mesmo que o homem não fosse fiel à esposa.

#### **4.6 A sexualidade feminina**

Para que se possa compreender e ter uma noção exata da importância da sexualidade feminina e o que ela representa para a própria mulher, para o marido e para a sociedade em geral, alguns princípios estabelecidos para esse assunto neste período dos anos dourados precisam ser analisados. Essas serão as questões tratadas neste subcapítulo, buscando facilitar a compreensão geral do leitor.

A sexualidade era assunto de grande importância para uma moça. Manter-se virgem era uma questão de honra e característica fundamental para obter um bom casamento. Era também um dos principais assuntos defendidos pela Igreja que aconselhava a castidade até o casamento, embora não tratasse sobre sexo abertamente. Aliás, esse era um assunto que preferencialmente não seria tratado de maneira alguma, pois se acreditava ser um assunto sujo, impróprio para ser abordado, por isso o ideal era não falar sobre ele, conservando a inocência das jovens. Mesmo quando esporadicamente abordado em algum momento, era sempre coberto de censura, preconceito e reservas.

Para as mulheres dos anos de 1950, não foi muito diferente dos anos anteriores, uma vez que os artigos de revistas e manuais instrutivos no momento não falavam abertamente desse assunto, nem mesmo para as mulheres que já haviam se casado. Não se falava em prazer, mas “em realidade a ser enfrentada, missão a ser cumprida”; as palavras “sexo”, “relações sexuais”, “virgindade” e “educação sexual” não aparecem nas revistas para mulheres, com afirma Bassanezi (2004, p. 620).

Algumas colunas apenas usavam os verbetes como “familiaridades, intimidades, liberdades, aventuras”. Mascaravam-se ao máximo as palavras que se dirigissem e estivessem relacionadas diretamente com o sexo. Mas algumas moças sempre arrumavam uma maneira de obterem algumas informações a esse respeito, em conversas com parentes próximas, como mães, amigas, filmes ou alguma leitura disponível. Muitas vezes, a própria falta de informações não permitia às moças uma orientação sexual tranquila, o que as deixava despreparadas e cheias de dúvidas.

Além da falta de instrução e de informações, havia outros meios de pressionar e aterrorizar a jovem, que, por vezes, passava a acreditar que o sexo era algo a ser evitado e pecaminoso. A própria Igreja, desde o início dos tempos, exigia que o sexo fosse

praticado após o casamento, sem intenções de obter prazer, pois isso era considerado um pecado. Pregava também que “a luxúria eram coisas do Satã” (PRIORE, 2013, p. 28) e que sua única função aceitável era a intenção de procriação, levando ao pé da letra o conselho bíblico que ordenava “frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra” (ALMEIDA, 1987, GÊNESIS, 1: 28). Mas, acima de tudo, com decência e seriedade.

A Igreja também estipulava os dias e as situações em que não se deveriam manter relações sexuais, como os domingos, dias santos, no período da quaresma e no dia dos santos padroeiros. O sexo não era aconselhado às grávidas, pois havia a possibilidade de aborto. Nem as mulheres que amamentavam deveriam permitir relações sexuais. Proibia também os toques em determinadas partes do corpo e os gestos de afeto, sendo extremamente contrária aos métodos para evitar a gravidez.

Mesmo que esses conselhos e exigências não fossem originários da década de 1950, alguns deles ainda eram presentes e cobrados neste momento, pois se almejava preservar as tradições e costumes. A Igreja sempre foi persistente e inflexível ao tratar sobre o assunto do casamento, suas atribuições e deveres. Ainda se considerava de extrema importância a virgindade, e o ato sexual era destinado a gerar filhos. Assim, além da Igreja, a família era a principal responsável por educar a moça e fazê-la seguir firme no propósito de se manter pura até o enlace matrimonial, recebendo, assim, as bênçãos de Deus para essa união e para a família que se iniciava.

Percebe-se a grande importância para a mulher de se manter virgem até o casamento, de ser fiel ao marido e respeitá-lo em todas as ocasiões, em gestos, palavras e atitudes. Os padrões estabelecidos pela sociedade não aceitavam e nem entendiam outras formas alternativas para a vida familiar. Havia uma forte cobrança sobre a mulher, o que não acontecia com os homens. Deles nunca se cobrou a castidade e a quase perfeição de comportamento e atitudes. O homem é homem. Ser superior, forte, “o cabeça do casal”, “o chefe da casa” (MELLO; NOVAIS, 1998, p.612). Obtinha posição de destaque e respeito, portanto, poderia viver aventuras sexuais fora do casamento, ato previsto como natural.

#### **4.7 A sexualidade masculina**

Diferentemente do que acontecia com as mulheres, ao homem se destinou a liberdade sexual, desde sua juventude. Muitas vezes, esses impulsos foram aguçados pelo próprio pai. Permanecer virgem até o casamento não era uma atitude aceitável.

Enquanto a moça deveria permanecer intocada, pura e virgem, sendo esses pré-requisitos essenciais para serem dignas de um bom e abençoado casamento, o homem também sofria algumas cobranças, vindas tanto da sociedade quanto da própria família, que não gostaria de ser motivo para fofocas e deboches alheios. Assim, para evitar tal ocorrência, a família tomava alguns cuidados para que o rapaz não decepcionasse a futura esposa em relação à sexualidade. Não era aceitável que o marido não soubesse como agir com a esposa na intimidade do casamento. Os homens, então, eram aconselhados a buscar relações sexuais, pois “tinha-se horror ao homem virgem, inexperiente” (PRIORE, 2011, p. 166). Portanto, as

relações sexuais dos homens com várias mulheres não só eram permitidas, como freqüentemente desejadas[...]. Sua virilidade era medida pelo número e desempenho nessas experiências: ir à zona era preservar a menina da sociedade [...] o que o namorado não podia fazer com a namorada, fazia lá (PRIORE, 2011, p. 166).

Os homens buscavam com esse fim as prostitutas ou as moças levianas conhecidas também como “galinhas ou biscates”, com quem pudessem satisfazer-se sem precisar firmar nenhum tipo de compromisso. Acreditava-se ser essa a melhor maneira de conservar a inocência e preservar as moças de boa família.

Afinal, com essas moças o homem poderia desfrutar de momentos de intimidade, como o “sexo sem compromisso”, que não conseguiria obter com as moças “direitas” até a consumação do casamento. Os homens levavam a questão da sexualidade completamente diferenciada das mulheres dos anos 1950. Enquanto elas deveriam manter-se no mais alto grau de inocência, para eles isso não era uma questão tolerável. Quanto mais experiências sexuais o homem tivesse, mais sua masculinidade seria atestada.

Essas foram algumas diferenças entre a sexualidade dos homens e das mulheres presentes no momento histórico abordado por esta pesquisa. Aos homens foi conferido o direito de experiências sexuais antes do casamento, o que era indicado e aceito pela sociedade. Já as mulheres não deveriam ter experiências sexuais antes do casamento, uma vez que precisavam se guardar para o marido e lhe permanecer fiel. Era essa uma

tradição já vigente e um costume arraigado na sociedade, que permaneceram impostos para as mulheres do Brasil na década de 1950.

Para que tais atitudes e preceitos permanecessem presentes na vida das jovens e não caíssem no esquecimento, algumas revistas e periódicos desempenhavam o importante papel de lembrar e mostrar o quanto esses costumes ainda permaneciam em alta naquele momento, ensinando as moças a como agir e que decisões tomar, sempre procurando induzi-las a se manterem em posição digna de respeito e apreço. Entre esses periódicos, destacam-se a *Revista das Moças* e *O Cruzeiro*, que serão analisadas no próximo subtítulo.

#### **4.8 Os periódicos como dicas de comportamento**

Este subtítulo aborda o papel desempenhado pelos periódicos na década de 1950, como a *Revista das Moças* e *O Cruzeiro*, que desempenhavam um papel de transmissores de conhecimento e conselhos destinados às jovens deste período.

Alguns periódicos traziam consigo muitas matérias que se destinavam às moças solteiras, como conselhos de como se comportar e se portar em público, dicas de beleza e vestuário. Já para as casadas, traziam dicas de como tratar o marido, maternidade e algumas dicas de culinária. “As revistas tinham então um papel modelar no que dizia respeito à questão familiar” (PRIORE, 2013, p.67), muitas vezes desempenhando o papel de melhor amiga e

como conselheiras, fonte importante de informações e companheiras de lazer – a TV ainda era incipiente no país- as revistas influenciaram a realidade das mulheres de classe média de seu tempo, assim como sofreram influências das mudanças sociais vividas – e algumas também promovidas por estas mulheres (BASSANEZI, 2004, p.609).

As revistas e seus conteúdos se mostravam de grande valor para as moças solteiras e para as já casadas. Pode-se destacar que as revistas

Querida, Vida Doméstica, Você, Jornal das Moças ou seções femininas de *O Cruzeiro* impactavam como formadoras de opinião. E o que elas diziam? Que ser mãe e dona de casa era o destino natural das mulheres, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade (PRIORE, 2013, p. 67).

Tais revistas serviam como estímulo para que a esposa continuasse a desempenhar seu principal papel de esposa e mãe, enquanto o homem desenvolveria sua tarefa já estabelecida de trabalhador e mantenedor da família.

Alguns conselhos se destinavam às moças solteiras, sempre na tentativa de alertá-las sobre os possíveis perigos que a rodeavam, apontando a necessidade de seguir as regras e as tradições estabelecidas pela família e pela sociedade, sugerindo que não se aventurassem em atitudes e comportamentos desaprovados com os rapazes. Afirmavam, ainda, que tais atitudes poderiam manchar a reputação da jovem, já que seu nome acabaria caindo nas rodas de conversa.

A revista *Jornal das Moças* trazia em suas colunas algumas opiniões sobre o comportamento e atitudes a serem tomadas pelas esposas, a fim de terem um casamento tranquilo e agradável. O *Jornal das Moças* sugeria a essa esposa que

acompanhe-o nas opiniões [...] quanto mais você for gentil na arte de pensar, tanto maior será a importância de seu espírito no conceito dele. Esteja sempre ao seu lado, cuidando dele, animando-o [...] reconhecendo seus gostos e desejos (PRIORE, 2013, p.69).

Esses eram alguns passos que levariam a mulher a ter um casamento perfeito, sugeria o *Jornal das Moças*. A perfeição no matrimônio pode ser atingida facilmente, ficando a cargo da mulher a responsabilidade por ter um casamento harmonioso e cheio de alegrias, buscando proporcionar ao marido momentos de tranquilidade e paz, em que ele possa descansar e se refazer das atividades diárias.

O *Jornal das Moças* traz a seguinte orientação:

o marido perfeito está ao nosso alcance, se cuidarmos bem de seu bom humor e não considerarmos nunca como uma obrigação – ou como uma coisa natural – sua eventual colaboração nos trabalhos domésticos. O trabalho caseiro é nosso, o marido tem o seu (BASSANEZI, 2004, p. 626).

Sendo cada um responsável por desenvolver as atividades que lhes cabem, o homem trabalha fora, enquanto a mulher é a responsável pelo bom funcionamento e organização do lar.

Outro periódico que se destacava na época era a revista *O Cruzeiro*, que trazia em suas publicações algumas dicas de como essas jovens deveriam se comportar. Destaca, ainda, a importância de se manterem virgens e puras. A revista reservava uma coluna para que as moças enviassem suas dúvidas e preocupações. Nesse espaço, frequentemente, constavam os desabafos dessas jovens que, muitas vezes, não sabiam

como agir em relação aos rapazes que, por vezes, apresentavam comportamentos e exigências contraditórias, o que lhes causava muitas dúvidas. “Quando o trata com secura é porque é gelo. Quanto consente que a beije, é leviana. Quando não permite carinhos, vai logo procurar outra [...] Qual é o modo, pelo amor de Deus, de satisfazê-lo?” (PRIORE, 2011, p. 165). Através desse comentário, é possível perceber a preocupação enfrentada pelas jovens durante esses anos dourados e a necessidade de que alguém lhes indicasse um caminho, mostrando a direção correta que deveriam seguir.

Os periódicos analisados traziam artigos que interessavam às moças em geral, por tratarem de assuntos da atualidade e esclarecerem algumas dúvidas que eram constantes e que perturbavam a juventude que, por vezes, não possuía outra fonte para auxiliá-la em suas indagações.

Em relação à revista *O Cruzeiro*, a historiadora Marlise Regina Meyrer afirma que “a revista direcionava-se muito mais para uma classe média e alta com poder aquisitivo para comprar a revista” (MEYRER, 2007, p.33-34). Isso tornava mais difícil o acesso a essas revistas das moças que pertenciam à classe mais baixa da sociedade.

Mesmo que as revistas não fossem possíveis a todas as jovens, a quantidade de leitores atingia um número considerável, chegando, por vezes, a ser maior que o número de telespectadores que assistiam à televisão neste período. Essas revistas eram adquiridas com frequência e tinham grande circulação no país. O *Jornal das Moças* era “uma das revistas com maior vendagem de 1940 e 1950” (LUCA, 2012, p.447), sendo indicado como uma referência de leitura saudável e indispensável na época.

Ao serem lidas, algumas moças guardavam as revistas, outras até encadernavam para consultas futuras. As amigas, empregadas e conhecidas também as liam e, muitas vezes, quando se desfaziam delas e as colocavam no lixo, podiam ainda ser lidas por outras mulheres. Isso mostra a abrangência desse meio de divulgação de ideias e comportamentos e o quanto as mulheres se identificavam com as matérias e os assuntos abordados por elas. As revistas desempenhavam o papel de confidentes, uma espécie de amiga com quem as jovens esclareciam dúvidas e pediam conselhos sobre assuntos que não eram tratados e nem discutidos abertamente. A sociedade ainda buscava ignorar e manter certos assuntos longe do alcance das moças pertencentes às boas famílias, conservando, assim, a sua ingenuidade, tão valorizada no país nos anos dourados de 1950.

Pode-se perceber que muitas mulheres se adaptavam a esse modelo de vida que lhes era imposto pela família e pela sociedade. Não demonstravam maiores inconformidades em aceitar o controle e a constante vigilância sobre suas atitudes e comportamentos a que eram submetidas. Assim, construía sua vida seguindo os padrões considerados ideais.

Porém, outras mulheres não se submetiam a essas normas de conduta. Sonhavam com o estudo, o trabalho e a possibilidade de serem independentes e reconhecidas profissionalmente. Trata-se das mulheres que trabalham, sendo esse assunto abordado no próximo capítulo.

## **5 A MULHER E SUA PARTICIPAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO**

Este capítulo aborda questões relativas às mulheres burguesas e sua busca por uma colocação no mercado de trabalho. Os percalços e os desafios que estiveram presentes nesta nova trajetória foram sua inclusão no espaço público, sendo que sua família e a sociedade viam e sentiam essa nova mulher que desejava buscar sua independência financeira e, também, sua autonomia.

Dessa forma, este capítulo contará com sete subcapítulos que buscam facilitar a compreensão do leitor sobre o papel do trabalho na vida da mulher burguesa, como ocorreu sua colocação neste mercado de trabalho e quais as profissões que poderiam ser desempenhadas por elas.

### **5.1 A busca feminina por uma colocação no mercado de trabalho**

Na busca por melhores condições de vida, a mulher lançou-se no mercado de trabalho, precisando superar o rancor dos homens que não as aceitavam e não as desejavam em seu meio. Foram obrigadas a trabalhar em lugares sujos e sem condições de higiene, exercendo atividades que, muitas vezes, colocavam em risco sua saúde e até mesmo sua vida. Foram vítimas de preconceitos e discriminações, mas, mesmo assim, se mantiveram firmes em seu propósito de se mostrarem capazes e qualificadas para desenvolver a grande maioria das atividades.

Aos poucos, foram sendo reconhecidas e respeitadas nesses meios de trabalho até conseguirem, finalmente, se inserir, definitivamente, no mercado de trabalho, no qual permanecem hoje, executando com brilhantismo as atividades que se propõem a realizar.

A história das mulheres mudou. Em seus objetivos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, [...]. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história de mulheres ativas [...](PERROT, 2007, P.16-17).

São essas mudanças que ocorrem na vida das mulheres, que deixam de ser vítimas e passam a escrever sua própria história. Assim, param de ocupar o limitado espaço privado e passam a se apropriar dos espaços públicos, o que acaba

proporcionando algumas mudanças tanto comportamentais quanto intelectuais nas mulheres, que se permitem ser mais autônomas, firmes e independentes.

Nos capítulos anteriores, foi possível perceber que o Brasil passava por um momento de expansão industrial e urbana. “A nova fase levava a melhorias nos serviços e na infraestrutura ligada à energia elétrica, ao transporte rodoviário e às comunicações. Beneficiavam-se também as finanças e o comércio” (PINSKY, 2012, p.505). Através dessas melhorias, o mercado de trabalho recebeu um novo impulso. Oportunidades de trabalho começaram a surgir, “inclusive para as mulheres” (PINSKY, 2012, p.505). Elas poderiam desempenhar funções nos setores burocráticos, comércio, na área da saúde e na educação.

Para se candidatar a uma dessas oportunidades de trabalho, a educação feminina passou a ser um pré-requisito essencial. Tal aspecto passou a ser valorizado, já que a escolarização da população brasileira era bem mais elevada do que no passado, como afirma Carla Pinsky (2012, p.505). Assim, a formação escolar colaborava na busca por uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Durante a década de 1950, ainda é pequena a participação feminina nas atividades produtivas, mesmo assim

marcou, em termos simbólicos, uma ruptura com o passado, pois exigia qualificação, colocava as profissionais competindo em igualdade de condições com os homens no mercado de trabalho e fazia delas membros remunerados da família (PINSKY, 2012, p.505).

Essas mulheres trabalhadoras<sup>7</sup> que passavam a receber salário também contavam com alguns direitos trabalhistas, como horários de trabalho preestabelecidos, semana de trabalho de cinco dias, férias remunerada se direito à folga aos fins de semana. Isso não existia quando desempenhava o trabalho de dona de casa.

Perrot afirma que “as mulheres sempre trabalharam” (PERROT, 2004, p.109). Mas eram trabalhos que não lhes proporcionavam valorização ou remuneração. O trabalho fora do lar permitiu à mulher o direito de receber seu salário, o que não ocorria quando trabalhava exercendo as atividades do lar. Através dessa nova situação, a mulher passa a opinar mais diretamente, “além de um poder mais decisório nos destinos do orçamento familiar” (PINSKY, 2012, p.505). Como passa a contribuir diretamente com

---

<sup>7</sup>Trabalhadoras: Consideradas o oposto da “dona de casa ideal”, envolvidas em atividades exaustivas e extremamente relevantes para a manutenção do lar e a construção das economias familiares, conforme Carla Pinsky (2012, p.503).

o orçamento para a manutenção do lar, a mulher começa a ter também o direito de tomar, juntamente com o marido, as decisões e atitudes relacionadas ao bem-estar da família.

Trabalhar permitiu à boa parte das mulheres romper com o relativo isolamento vivenciado no mundo doméstico, modificando sua postura com relação ao que ocorria fora das paredes da casa e aproximando sua participação cultural às dos homens. A “mulher trabalhadora” já não é mais a pobre coitada do imaginário de décadas atrás. (PINSKY, 2012, p.506, grifo da autora).

Como a mulher começa a se tornar mais independente e autônoma, eis que a sociedade novamente se impõe, pois desaprova a mudança que começa a ocorrer no comportamento feminino. A mentalidade tão arraigada nos antigos costumes não consegue acompanhar a nova e rápida modificação e novidades que acontecem nesse aspecto. É o que se pode perceber no artigo de Carla Pinsky:

Ao propiciarem ganhos às mulheres, colaboraram para que elas adquirissem uma relativa independência com relação a pais e companheiros, o que fez com que, nesse meio social, as mulheres valorizassem o fato de trabalharem, contradizendo a ideologia dominante (PINSKY, 2012, p.504).

O desincentivo, a não aceitação por parte da sociedade e as barreiras que eram impostas por ela faziam com que as mulheres encontrassem dificuldades para permanecerem trabalhando. A família, por vezes, também influenciava para que elas desistissem do objetivo de trabalhar e buscar sua autonomia, pois a dedicação ao trabalho “desviava as mulheres de suas funções naturais” (PINSKY, 2012, p.505), que eram a Rainha do Lar, esposa e mãe, papéis que enobreciam a mulher.

O preconceito exercido pelos homens também se tornava um obstáculo para que a mulher continuasse a trabalhar, pois eles ainda acreditavam e defendiam que o principal papel que devia ser desempenhado pela mulher seria o de dona de casa, de executar as tarefas domésticas, de educar os filhos e de cuidar do marido. Novamente, a questão de gênero se faz presente em relação à ocupação profissional, como se pode observar através da postura adotada pelo homem de que é ele quem deve trabalhar e sustentar a casa, enquanto a esposa deve ficar responsável pelo bom andamento doméstico, precisando a mulher se sujeitar ao homem e as suas vontades, como apontam

Samara, Soihet, Matos<sup>8</sup>. Essa mentalidade e atitude masculinas “impediram muitas mulheres, mesmo educadas e bem preparadas, de ingressar no mercado de trabalho” (PINSKY, 2012, p. 506), pois preferiram não contrariar a sociedade, que não via com bons olhos as mulheres que priorizavam o trabalho ao invés do casamento que era tão importante para a mulher neste período.

Algumas mulheres acabavam por desistir da possibilidade de trabalhar fora, devido à cobrança e à pressão. Assim, continuavam a exercer suas atividades dentro do ambiente doméstico, para as quais foram preparadas desde sua juventude. Era um papel de fundamental importância aos olhos da família e da sociedade, que buscava manter as tradições que permaneciam através das gerações.

Como os valores atribuíam ao feminino prioritariamente as atividades do lar, era comum que as moças de classe média que estudavam ou trabalhavam deixassem de fazê-lo ao se casar. “O casamento em primeiro lugar”, e nada pode atrapalhar tal primazia (PINSKY, 2012, p. 506, grifo da autora).

Pode-se perceber ainda que o casamento exerce grande importância na vida de algumas mulheres e, para isso, evitavam qualquer atitude que pudesse manchar sua reputação, uma vez que tal atitude poderia fazer com que perdessem a chance de casarem. O desejo de um bom casamento se sobrepunha ao desejo de uma carreira profissional.

Mas outras, inconformadas com as barreiras que lhes eram impostas, decidem enfrentar as consequências de contrariar os costumes vigentes. Dessa forma, as mulheres buscam uma colocação no mercado de trabalho, enfrentando preconceitos e por vezes desaprovações. Essa é a mulher que trabalha.

## 5.2 A Mulher que trabalha

Diferentemente das mulheres que decidem permanecer no anonimato do lar, sem se expor ou expor sua família, a mulher que decide trabalhar fora sabia que enfrentaria

---

<sup>8</sup>SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

algumas dificuldades e impedimentos. Porém, estava disposta a superá-los, pois queria conquistar um novo espaço e posição. Além disso, estava disposta a concorrer com os homens por um espaço até então dominado por eles.

As primeiras dificuldades começam a ser percebidas quando a mulher constata que não é bem aceita em todos os setores. Algumas profissões e atividades de trabalho foram consideradas impróprias para elas. Priorizavam-se as atividades que estivessem ligadas ao que elas já estavam acostumadas a desenvolver, como cuidados com doentes e crianças e confecção de trabalhos manuais. As atividades em que as mulheres pudessem exercer habilidades que já conheciam eram consideradas “boas para uma mulher” (PERROT, 2007, p. 124). As outras profissões só puderam ser possíveis com o passar do tempo e através do estudo e aprimoramento buscados pelas mulheres.

Sentiu-se, então, por parte da sociedade, a necessidade de estabelecer os limites que seriam aceitos, ou seja, até onde a mulher poderia ir e quais as atividades desempenharia e quais cargos ocuparia. Foi necessário delimitar quais seriam os locais próprios e dignos da presença feminina, por isso “era preciso demarcar o lugar da mulher” (PINSKY, 2012, p. 472). E, para estabelecer tais padrões, a elite da sociedade foi consultada.

Assim, “médicos, juristas, religiosos, professores e demais autoridades preocupadas com a ordem pública alegavam questões de moralidade e uniam-se no coro das vozes hegemônicas a este respeito” (PINSKY, 2012, p. 472). Decidiram, assim, em conjunto, qual a mulher que merecia respeito, que atitudes seriam consideradas corretas e deveriam ser seguidas por elas neste momento de transformação cultural.

As cobranças em relação às mulheres e a sua presença no mercado de trabalho foram acentuadas, e as primeiras mulheres a se arriscarem nessa tentativa de exercer trabalhos fora do lar encontraram um clima difícil e com muitas barreiras. Isso aconteceu principalmente para as moças da classe burguesa, que não eram acostumadas com o trabalho, mas que, neste momento, sentiam a necessidade de fazê-lo.

Já as moças de famílias humildes sempre trabalharam. Eram destinadas ao trabalho logo cedo, costuravam e passavam para fora. Nesse momento, algumas iniciam seu trabalho no ambiente público, deixam a segurança do lar e rumam para as fábricas, as lojas, como garçonetes e vendedoras. Essas mudanças acabaram gerando alguns abalos na família, sentidos também pela sociedade. A mulher, antes sempre tão presente no lar, passa a deixá-lo, buscando novos ambientes fora dele, mas essa mudança é vista como um ato de rebeldia e que comprometia as bases familiares.

É essa migração da vida privada ao ambiente público que está inviabilizando a manutenção das estruturas tradicionais da família, que repousam sobre a presença da mulher no lar. O mundo público foi invadido pelas mulheres, mas a vida privada continuou estruturada, em tempos de emprego de tempo e assunção de responsabilidade, como se as mulheres ainda estivessem como suas avós [...] (OLIVEIRA, 2003, p. 20).

Mesmo trabalhando fora, permanece sobre as mulheres a responsabilidade de manter a estrutura do lar. Dentro dele, não houve modificações ou modernidades. Buscava-se preservar o empenho da mulher e o seu tempo destinado ao lar e à família.

As mulheres que trabalhavam, mesmo por necessidades e para colaborar com o sustento da casa, eram, muitas vezes, condenadas por tais atitudes. Algumas foram rotuladas e apontadas como o tipo de mulher a não ser seguida, pois “uma mulher que trabalha fora envergonha o marido perante a sociedade, pois denota sua incapacidade de sustentar sozinha a família” (PINSKY, 2012, p. 487). Trabalhar fora oportunizaria muita exposição e constrangimento.

Mesmo durante o tempo promissor que possibilitava grandes avanços ao Brasil, o papel da mulher como mãe e dedicada aos serviços do lar permanecia em alta e muitas críticas e opiniões se faziam a respeito da mulher que trabalhava fora. Muitas vezes, ela até mesmo foi acusada como responsável pelos problemas familiares.

Acreditava-se então que o trabalho da mulher fora do lar compromete à maternidade e pode ser um elemento desagregador da família: os filhos cresciam sem a supervisão materna, ficando com a moral comprometida, os maridos poderiam ser desafiados em sua autoridade (PINSKY, 2012, p. 494).

Portanto, o trabalhar fora pertencia aos homens. Já os trabalhos domésticos e as prendas do lar pertenciam às mulheres que tinham um papel de grande importância e reconhecimento nesse universo da classe média burguesa, urbana e brasileira.

As classes médias que acabaram apresentando resultados do desenvolvimento capitalista permitiam a algumas famílias contratar empregadas domésticas para ajudar nos serviços da casa, com grandes cobranças e tarefas. As mulheres mais humildes ficavam destinadas a desempenhar tais atividades, mas também cultivavam o desejo de casar e se dedicar exclusivamente à vida de “Rainha do Lar”. Carla Pinsky afirma que, na realidade, no Brasil, eram poucas as mulheres que podiam se dar ao luxo de não receber alguma remuneração (PINSKY, 2012, p. 497).

A classe de maior poder aquisitivo acabava contratando as mulheres de classe baixa para a realização das tarefas de casa. Elas eram as empregadas domésticas, que deveriam executar as ordens da patroa, muitas vezes estando sujeitas a maus tratos e humilhações.

### **5.3 As empregadas domésticas**

Muitas moças por pertencerem a famílias de classes sociais inferiores não tiveram a possibilidade de aprofundar os estudos. Tal fato pode ser confirmado através da afirmação de Silvia Arendde que “um número significativo de mulheres até os anos de 1950 mal conseguia concluir o curso secundário” (AREND, 2012, p. 72). E essas jovens precisavam colaborar para o sustento de sua família através do salário que recebiam por seu trabalho.

Sem estudo, muitas dessas moças não conseguiam melhor colocação no mercado de trabalho e acabavam nas casas das famílias como empregadas domésticas, sendo responsáveis por desempenhar as tarefas mais pesadas e também por servir a todo tipo de atividades ordenadas pela patroa. Afinal, “ser servido” é a marca última de uma posição. Já “Não poder mais ser servido” assinala uma decadência de status” (PERROT, 2007, p. 116). Ter uma empregada pronta a executar as ordens também era uma forma de afirmação social e econômica.

O trabalho realizado pelas senhoras era, na maioria das vezes, manual, como o “tricô ou bordado, as ‘pequenas coisas’ do cotidiano as ocupavam e as justificavam, pois o ‘trabalho’ tornou-se valor indispensável à utilidade social” (PERROT, 2007, p. 117, grifo da autora). As senhoras desempenhavam atividades mais amenas, enquanto as domésticas realizavam as demais tarefas do lar.

Era muito comum que as empregadas domésticas morassem no emprego, “dormindo em quartinhos mínimos, por vezes sem janelas, ou na própria cozinha. Tanto nas áreas rurais como nas cidades, ficavam vulneráveis ao assédio dos homens da casa” (PINSKY, 2012, p. 497). Ainda aqui os homens se acreditam dominantes e poderosos, agindo com superioridade sobre as mulheres, como se fossem seus donos.

A classe doméstica não possuía regras bem definidas, assim a patroa acreditava que essa deveria estar disponível em qualquer horário, inclusive aos finais de semana. Algumas acabavam sendo rotuladas como burras e promíscuas por suas empregadoras,

que acreditavam ter, ainda, o direito de “vigiar a conduta moral daquela que trabalhava para sua família” (PINSKY, 2012, p. 498). As empregadas com moral duvidosa não eram aceitas para exercer atividades nas casas pertencentes à burguesia.

Havia as empregadas domésticas que eram especialistas em executar uma determinada atividade como as “cozinheiras, camareiras, lavadeiras, ajudantes de cozinha, copeiras, criadas para todo o serviço não tem o mesmo status nem as mesmas atribuições” (PERROT, 2007, p. 117). Aquelas que realizavam uma dessas atividades acabavam obtendo mais reconhecimento e melhor salário, diferente daquelas que não tinham nenhuma especialização.

As empregadas domésticas foram de grande auxílio para as famílias abastadas e burguesas, pois eram a mão-de-obra necessária para realizar as atividades mais pesadas e por colaborar no bom andamento desses lares.

#### **5.4 As costureiras**

Na década de 1950, aulas de costura para as moças eram comuns, proporcionando-lhes uma habilidade manual que seria muito valiosa nos setores de montagens no futuro. As habilidades com a agulha rendiam diversos elogios e lhes ofereciam também a oportunidade de realizarem alguns trabalhos no setor informal, dando, mais adiante, a algumas mulheres, a possibilidade de um serviço formal. “A costura foi um imenso viveiro de empregos, de ofícios, de qualificações para as mulheres, e isso durante séculos” (PERROT, 2004, p. 121).

A costura cumpria um papel fundamental para a confecção de vestuário, roupas íntimas, desde os tecidos mais simples aos mais nobres, como afirma Perrot (2004, p. 121). As costureiras passam a ter mais reconhecimento, quando se tornam especialistas na elaboração de determinados modelos e peças, como “especializadas em roupas brancas, em lingerie, espartilhos, em culotes, camisarias, debruadeiras, plumistas, modistas, bordadeiras, com dezenas de especialidades diferentes” (PERROT, 2004, p. 122). Quanto mais especialização em um tipo de costura, mais reconhecimento obteria a costureira.

Chegou-se à afirmação de que as mulheres “nasceram com uma agulha entre os dedos” (PERROT, 2004, p. 122). Tal habilidade se passava de mãe para filha ou era ensinada nos ateliês das igrejas. Era comum que o trabalho de costura fosse realizado

em casa, sendo que “um número expressivo de mulheres trabalhava desta maneira, [...] nos chamados trabalhos de agulha” (BORELLI, MATTOS, 2012, p.130). Tal ocupação unia por vezes mãe e filha na execução desse trabalho, que permaneceu acompanhando algumas famílias por diversas gerações.

## **5.5 As professoras**

Para as moças que tinham dado continuidade aos estudos, geralmente pertencentes a famílias mais abastadas, existia a chance de uma melhor colocação no mercado de trabalho. Entre as possibilidades estava o de se tornar professora. O emprego docente era bem visto na sociedade por ser um trabalho que ocupava somente um período do dia da mulher, sendo o outro destinado ao cuidado do lar.

Até os anos 30, o magistério era uma das poucas possibilidades profissionais atraente para as mulheres das elites e dos setores médios da sociedade. Seduzia as jovens por proporcionar um ganho financeiro, mas também por conta do aprimoramento intelectual, acenando com as possibilidades de um maior status social e de aceitação em funções públicas e ambientes intelectualizados (BORELLI; MATOS, 2012, p. 136).

Tais conceitos perduraram até os anos de 1950 quando a profissão de professor se fez indispensável. Os anos 50 apontaram uma grande necessidade de professores, devido ao número elevado de crianças e a crença de que a transformação da sociedade se daria através da educação. Novas escolas foram abertas, bem como escolas que ofereciam a formação de professores. Essas escolas possibilitavam também a formação para homens e mulheres, mas, com o passar dos anos, o curso foi sendo procurado por um número cada vez maior de mulheres, chegando a ultrapassar o número de homens.

Aos poucos, os homens acabaram perdendo o interesse pelas séries iniciais de ensino, buscando postos que lhes concedessem maior reconhecimento profissional, como a direção e a administração. Assim, fica destinada quase que a totalidade das vagas de professores oferecidas às mulheres, resultando em muitas oportunidades de emprego e popularização da profissão, ou seja, “o magistério era o curso mais procurado pelas moças” (BASSANEZI, 2004, p. 625).

Bassanezi afirma que, pela possibilidade de se comparar com a função de mãe, a mulher estaria sempre cercada por crianças, a quem deveria transmitir conhecimentos.

Algumas mulheres não desejavam tornarem-se professoras, mas buscavam o diploma como forma de adquirir cultura e reconhecimento.

Difundiu-se neste momento “a idéia de que ‘a boa professora’ não se preocupa com o pagamento, pois está concentrada na formação dos alunos” (BORELLI, MATTOS, 2012, p. 126, grifo dos autores), justificando-se, assim, a baixa remuneração destinada às professoras ao longo da história. Muitas professoras optaram por trabalhar em mais de um turno para poder melhorar sua condição financeira.

A profissão de professora tinha um papel muito importante. Além do ensino de conteúdo escolar, a professora servia como modelo para as alunas. Dessa forma, deveria ter muito cuidado em suas atitudes, postura, comportamento e modo de falar.

Sem dúvida a responsabilidade de “manter-se acima do comportamento comum” representou um encargo social muito pesado e teve profundos efeitos à vida de mestres e mestras. Para bem poder exercer o papel de modelo para as crianças e jovens, eles se viram obrigados a um estrito controle sobre seus desejos, suas falas, seus gestos a atitudes e tinham na comunidade o fiscal e sensor de suas ações (LOURO, 2004, p. 463, grifo do autor).

Além do comportamento exemplar, outra característica era a aparência geralmente séria das professoras que lhes servia como recurso para estabelecer sua autoridade em sala de aula. “Ela deveria ser disciplinadora de seus alunos e alunas e, para tanto, precisava ter disciplinado a si mesma. Seus gestos deveriam ser contidos, seu olhar precisaria impor autoridade” (LOURO, 2004, p.467).

A professora deveria ter atitude exemplar e irrepreensível para obter êxito e respeito na função docente. A profissão acabou sendo reconhecida e indicada para as mulheres pela sociedade do Brasil da década de 1950.



Imagem 8: Professoras: referência de bom comportamento para as alunas.

Fonte: LOURO, 2004, p.467.

A imagem oito ilustra um grupo de professoras. Pode-se perceber que a maioria não sorri, pois a seriedade era vista como uma maneira de impor respeito aos alunos.

Na imagem fotográfica, apontam-se as principais características físicas dessas mulheres, como “roupas escuras, abotoadas e de mangas compridas, rosto fechado, cabelo em coque, costas retas, pés unidos, mãos postas ao lado do corpo ou sobre os joelhos” (LOURO, 2004, p. 466). Tais detalhes podem ser claramente observados na imagem apresentada.

Um comportamento irrepreensível era indispensável para a professora que servia como exemplo às alunas a quem lecionava.

## **5.60 trabalho na indústria e no comércio**

Outro setor que abria a possibilidade da mulher ingressar no mercado de trabalho foi o comércio, ou seja, as lojas e os grandes magazines. A princípio, as vagas disponíveis nesse departamento eram pertencentes aos homens. Quando a mulher passa

a ocupar esses cargos de vendedoras, é frequente que o homem seja seu superior, ou seja, o patrão.

Existem regras e regulamentos muito claros que devem ser cumpridos fielmente por elas, como: “as vendedoras deveriam ser solteiras, disciplinadas, jamais sentar durante as longas jornadas [...]. Os salários eram medíocres” (PERROT, 2007, p. 124). Mas, apesar disso, era uma atividade limpa, longe das sujeiras das fábricas, um ambiente acolhedor, portanto, despertava o desejo das mulheres de ocuparem essas vagas de emprego, mas, para tanto, deveriam ser indicadas por alguém para conseguirem ser admitidas, procurando se adequar ao trabalho para poder permanecer na atividade.

Os avanços da industrialização possibilitaram para as grandes fábricas a abertura de novas vagas de trabalho para as mulheres, gerando receio e medo dessa nova concorrência e a possibilidade da redução do salário entre os homens. Também se cogitava a ideia de que “a fábrica, com suas máquinas, sua sujeira, suas promiscuidades sexuais, não era para elas” (PERROT, 2007, p. 119).

Segundo Perrot (2007), o lugar digno e adequado às mulheres era o lar, zelando pela educação de seus filhos e cuidados com o marido. Essa ideia estava tão arraigada na sociedade desse período que em um congresso, alguns anos mais tarde, um operário lança a frase que resume com absoluta clareza esse pensamento: “Para os homens, a madeira e o metal. Para a mulher, a família e os tecidos” (PERROT, 2007, p. 119). Percebe-se que o serviço pesado e difícil de ser executado deveria ser realizado pelo homem, enquanto as mulheres executavam as tarefas que exigiam menor esforço.

Os anos de 1950 apresentam um cenário em que a mulher pôde utilizar na execução de seu trabalho o que já havia aprendido no decorrer da sua vida, destacando-se a arte da costura, que oportunizou muitas chances de emprego no setor têxtil. “Das mulheres, diz-se que nasceram ‘com uma agulha entre os dedos.’” (PERROT, 2007, p. 122, grifo da autora). Mas, na realidade, tal habilidade se aprimorou com os ensinamentos da mãe durante sua adolescência, pois uma futura boa esposa deveria dominar com maestria as prendas domésticas.

## **5.7 Os direitos trabalhistas adquiridos pelas mulheres**

Muitos direitos trabalhistas foram sendo destinados às mulheres. No Brasil, a legislação que regularizou o trabalho feminino foi iniciada nos fins dos anos de 1910, no estado de São Paulo. Nos anos de 1930, houve interferência federal na busca pela regulamentação do trabalho feminino, criando-se a lei de proteção ao trabalho da mulher através da Consolidação das Leis do Trabalho- CLT (1943), que estabelecia a equiparação salarial entre homens e mulheres.

Proibiu-se, também, a mulher de executar tarefas inadequadas a sua capacidade física ou que colocassem em risco sua saúde ou integridade física, regulamentando-se, também, o direito à licença maternidade. Essas medidas que deveriam ser destinadas a proteger a mulher acabaram gerando ações que as discriminavam, afetando de maneira significativa sua empregabilidade em vários cargos e funções.

Percebendo que tais benefícios não seriam retirados, as empresas acabaram por aceitar e acatar tais direitos que permanecem na Constituição ainda hoje, pois a mulher acabou se tornando indispensável e essencial no mercado de trabalho. Embora exercendo as mesmas atividades, com os mesmos resultados obtidos pelos homens, a mulher acabava por receber um salário inferior ao que se pagava ao homem.

A questão relativa às melhorias salariais eram muito delicadas e difíceis, por isso novas mentalidades foram se formando neste momento. Já se aceitava mais tranquilamente o trabalho feminino, mas as melhorias no salário barravam no ponto levantado pelos homens de que “em nome da liberdade econômica ou de algum simples capricho, as mulheres ‘abandonam o lar’, aumentam o desemprego dos homens [...]” (PINSKY, 2012, p.508, grifo da autora).

Assim, alguns homens afirmavam que perderam suas oportunidades de emprego para as mulheres, portanto, não seria correto nem aceitável que elas acabassem ganhando mais. Alegavam também que a mulher que se dedicava ao trabalho acabava infeliz e frustrada. Defendiam, então, a ideia de que não havia necessidade da mulher ser melhor remunerada por seu trabalho.

Considerava-se que a mulher não era capaz de produzir valor econômico relevante, pois seu trabalho remunerado era visto como complemento [...]. A necessidade de proteger os rendimentos femininos, apregoados pelos juristas, indicava uma preocupação em reforçar que o provedor financeiro da família era o homem, sendo que qualquer situação contrária deveria ser considerada inadequada (BORELLI, 2005, p. 6).

Portanto, se o principal mantenedor do lar era o homem, não seria correto e nem justo que a mulher passasse a receber salário maior que o dele. A mulher que contribuía com as despesas do lar o fazia em forma de complemento, sendo que o salário predominante para a subsistência da família era de responsabilidade do homem da casa. Embora com o mesmo desempenho e produtividade, os salários femininos eram muito mais baixos do que o salário pago aos homens. Eram ainda próximos aos salários das décadas de 1920, com uma minoria de mulheres ocupando vagas que pagavam um salário melhor.

As melhores oportunidades de trabalho se destinavam a mulheres com idades entre 20 e 50 anos, pois as moças mais novas deveriam estudar para uma melhor possibilidade de emprego e as mais velhas procuravam a aposentadoria. Dava-se preferência a moças solteiras, pois se acreditava que essas estariam mais disponíveis e com menos obrigações e compromissos que as casadas. Mesmo trabalhando fora, a mulher que possuía família e marido continuava a desempenhar a sua função de dona de casa quando chegava do trabalho. Muitas vezes, as mulheres tentavam compensar sua ausência através de carinho e pequenas gentilezas para os filhos e atenção especial para o marido. O trabalho não poderia estar acima do casamento.

## **5.8 O trabalho e o casamento**

Mesmo desempenhando trabalhos fora de casa, a grande maioria das mulheres não abriu mão dos cuidados com o lar e com os filhos. Isso é conhecido como “dupla jornada”<sup>9</sup> de trabalho, momento em que a mulher termina suas atividades profissionais e, ao chegar em casa, ainda executa as tarefas domésticas e dedica atenção para o marido e filhos.

Por mais que se acredite ser moderna e atual, a mulher desenvolve ainda hoje o papel que por muitos séculos lhe foi destinado - Rainha do Lar. Embora na atualidade permaneça por um menor período de tempo em casa, não acontece em menor importância e significância.

---

<sup>9</sup>“Dupla jornada” de trabalho, termo utilizado por Andrea Borelli e Maria Izilda Matos. Espaço feminino no mercado de trabalho. *In*: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 126 – 147. p.146.

Portanto, toda a mulher que precisasse exercer alguma atividade fora do ambiente doméstico deveria ter cuidados redobrados no ambiente familiar. Deveria manter-se feminina, delicada e terna, não permitindo que

preocupação nenhuma, nem trabalho de qualquer espécie devem obscurecer o que o namorado, noivo e o marido procuram na eleita do seu coração: a companheira amorosa que governa sua casa e cuida dos seus filhos (PINSKY, 2012, p.508).

Novamente, o homem torna a confirmar que, embora uma mudança esteja acontecendo na estrutura social e familiar do Brasil, a mentalidade continuava presa a uma sociedade que mantém viva e atual suas tradições e costumes de que a mulher ideal é aquela que cumpre com os padrões preestabelecidos e tem na dedicação à família e ao lar os principais objetivos de vida. Conserva-se a máxima na qual se acredita que

casamento e trabalho são incompatíveis, não só porque o envolvimento profissional prejudica a dedicação à casa e à família, mas também porque “os homens não gostam de mulheres independentes”. Emprego é para as solteiras; carreira, para as “solteironas”. A independência feminina obtida com o trabalho mais bem remunerado cria mulheres “duronas”, “frias”, “altivas”, “incapazes de amar”, “casadas com o trabalho” (PINSKY, 2012, p.508, grifos da autora).

Muitas mulheres, ao se depararem com tais pensamentos, abriam mão de uma possível carreira de sucesso. Pinsky afirma que, impulsionadas pelo medo e pela possibilidade de serem trocadas por outra pelo marido, de ficar doente ou por contrair mau humor como característica do resultado de sua dedicação ao trabalho (PINSKY, 2012, p. 508). Esses esforços seriam inúteis, pois no fundo a mulher não nasceu para desempenhar cargos elevados e não possui espírito de competição (PINSKY, 2012, p. 508). Eram as ideias masculinas defendidas neste momento. E mesmo contra a vontade masculina, as mulheres trabalharam.

Michelle Perrot salienta a percepção de que

as mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico, que é invisível (PERROT, 2007, p. 109).

Assim, pode-se ter consciência de que, mesmo sem receber remuneração e reconhecimento, as mulheres sempre trabalharam e foram fundamentais tanto na

manutenção familiar quanto para a sociedade. Porém, as mulheres desejavam ser vistas, reconhecidas e não estar operando no invisível da sociedade.

Nota-se que, no decorrer dos anos, as mulheres passaram a ocupar outros ambientes que não o privado. Elas passaram a impor sua presença e a ocupar diferentes cargos de trabalho sem romper definitivamente os laços que a unem à família. Vimos que seu trabalho foi considerado de valor inferior ao trabalho realizado por um homem, encontrando, também, barreiras em ocupar determinadas funções e resistência em concederem-lhes promoções merecidas na carreira que já mantinham.

Houve mudanças e “a aceitação moral do trabalho feminino na classe média crescia lentamente graças ao empurrão dado pelo desenvolvimento capitalista” (PINSKY, 2012, p. 506) que ofereceu uma nova ideia de modernidade e possibilitou às mulheres concluírem que “trabalhar as favorecia” (PINSKY, 2012, p. 506). Assim, não queriam mais abdicar dessa possibilidade.

“Sombras e luzes se mantêm, portanto, sobre as questões do trabalho feminino” (BORELLI; MATOS, 2012, p. 146). Mas a luta iniciada por essas mulheres trouxe novas possibilidades, nova compreensão e novas visões sobre a capacidade feminina de administrar seu tempo, sua família e sua carreira. “Há trinta anos a mídia mal informada difundiu a idéia de que as mulheres lutavam contra os homens, quando na verdade estavam lutando a seu próprio favor” (OLIVEIRA, 2003, p. 23). Não foram elas uma força que surgiu para dividir ou subtrair dos homens seus espaços ou direitos. Mas optaram por lutar pelos próprios direitos e pelo reconhecimento de sua importância.

Assim, as mulheres decidiram se libertar das algemas impostas pela sociedade que as mantinham presas a antigas tradições e costumes. Aproveitaram o momento de modernidade e avanços que o Brasil estava vivenciando e buscaram a própria inovação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudanças ocorreram no Brasil na década de 1950 e afetaram diretamente a economia, a população, o modo de vida de algumas classes sociais, além de inovar alguns comportamentos e atitudes em relação à mulher burguesa e sua família neste recorte estabelecido. Os anos da década de 1950 ficaram conhecidos como os “Anos Dourados”, devido a todas essas inovações e novidades que surgiam a todo o momento.

Essas mudanças foram possíveis através da inovação e do progresso que ocorriam no país, possibilitando uma grande variedade de ofertas de novos produtos à disposição da população brasileira. A princípio, somente as famílias que possuíam uma melhor condição financeira, a chamada classe burguesa, puderam adquirir tais produtos.

Para a classe burguesa, fazia-se necessário ostentar os luxos e o que de melhor o dinheiro pudesse comprar, pois essas famílias se distinguiam das demais pela posição que ocupavam na sociedade. Portanto, suas posses, seus comportamentos e suas atitudes estavam constantemente sendo observadas e comentadas pelas demais pessoas.

É neste contexto que está inserida a mulher objeto desta pesquisa. É a então dona de casa, preocupada principalmente com a família, a educação dos filhos e os cuidados com o marido a quem deve representar e honrar perante a sociedade, família e amigos. Para algumas mulheres, esse estilo de vida era considerado ideal. Seria dentro do ambiente privado que se colocariam em prática os ensinamentos que receberam durante sua juventude.

Mas como se pode perceber, esse não era um desejo homogêneo, ou seja, unânime. Algumas mulheres se sentiam aprisionadas ao lar. Outras, impulsionadas pelo desejo de consumo que as induzia diretamente à compra de produtos que prometiam revolucionar a vida da dona de casa, influenciaram algumas mulheres para que tomassem atitudes ousadas e se lançassem em busca de uma colocação no mercado de trabalho. Obter os produtos que eram lançados no mercado também confirmava o status e o prestígio familiar. Algumas mulheres só poderiam adquirir tais produtos através de seu trabalho.

O trabalho permitia, também, uma sensação de independência, liberdade e capacidade, algo ainda incomum a todas as mulheres. Foi essa busca por trabalho e independência que permitiu conhecer mais um pouco sobre os preconceitos, indiferenças e até mesmo repúdio por parte da família, da sociedade e do marido sobre a

mulher que desejava e precisava, muitas vezes, trabalhar para ajudar nas despesas familiares.

As dificuldades para aceitar e entender essa nova atitude feminina, de sair do anonimato do lar, para desempenhar novas atividades agora no ambiente público, podem ser compreendidas perfeitamente através da análise do comportamento considerado compatível e adequado para as mulheres da década de 1950. Era uma época de muito controle, cobranças e regras que deveriam ser seguidas em uma sociedade tradicional e rígida, que não aceitava mudanças de comportamento e atitude, uma vez que ditava quais os modelos apropriados a serem seguidos por uma moça de família.

Essa nova opção da mulher de decidir pela sua inclusão no mercado de trabalho foi visto por algumas pessoas como uma afronta aos sagrados laços do matrimônio. Não se acreditava que essa mulher fosse capaz de desempenhar as duas funções - dona de casa e mais um trabalho assalariado - com desenvoltura e competência, sem que uma dessas atividades não fosse comprometida. E temia-se pela má qualidade dos laços familiares e educacionais.

No momento em que algumas dessas mulheres desejam contrariar esses comportamentos, iniciando mudanças na sociedade, a vida social foi balançada. Alguns setores são totalmente contra esses avanços, e outros os vêem com desconfiança e descrédito. Mas a mulher permanece firme em seu propósito. No início, impõe sua presença no trabalho, ao permanecer executando suas atividades com grande maestria até a atualidade. Desempenha, ainda, o mais crucial de seus papéis, que é manter os cuidados com o lar, a educação dos filhos e a atenção ao marido.

Pode-se concluir através desta pesquisa que a mulher burguesa que decidiu por trabalhar fora encontrou diversos percalços em seu caminho, alguns criados pela sua própria família que não via com bons olhos a mudança que se iniciava. A sociedade também temia que essa nova mulher acabasse perdendo o interesse por manter uma família organizada e estruturada, seguindo o modelo que já fora estabelecido e que se fazia tão importante. Na realidade, a sociedade desse momento temia por mudanças e inovações na esfera familiar.

Mas as mulheres decidem enfrentar tal desafio e conquistam, aos poucos, sua posição no mercado de trabalho. “Saíram do lugar subalterno que lhes era reservado para ocuparem posições significativas no mundo do trabalho e atuar em profissões antes tidas como exclusivamente masculinas” (NAPOMUCENO, 2012, p.382). Alcançaram assim seu espaço, sem romper de vez com os laços que as unem à família, ao casamento

e à criação de seus filhos. Tal fato fez com que o temor sentido pelas famílias e pela sociedade dos anos de 1950 não se confirmasse.

Mesmo exercendo atividades fora do ambiente doméstico, os laços sagrados da família permanecem na atualidade, com a mesma força e intensidade. A mulher ainda mantém o mesmo carinho, dedicação, preocupação e cuidados com seus filhos, maridos e com seu lar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. (Tradutor). **Bíblia Sagrada**. 24. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1987.

AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. *In*: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 65-83.

BASSANESI, Carla. Mulheres nos Anos Dourados. *In*: PRIORE, Mary del (Org). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.607 – 639.

BORELLI, Andrea. Aspectos da relação mulher-trabalho na legislação brasileira. 1830-1950. Londrina: 2005.

Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0111.pdf>>.

Acesso em: 03 de novembro de 2013.

BORELLI, Andrea; MATOS, Maria Izilda. Espaço feminino no mercado produtivo. *In*: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 126 – 147.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CEREZER, Larissa. **No recato da intimidade**: reflexões sobre a mulher e a família burguesa nobrotar do século XX. Santa Catarina, 2008.

CHAVES, Ricardo. Almanaque gaúcho. Febre da lambreta.

Disponível em: [clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/02/09/febre-da-lambreta/](http://clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/02/09/febre-da-lambreta/)

Acesso em: 10 de dezembro de 2013 as 10 hs e 23 min

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. *In*: PRIORE, Mary del (Org). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 223 – 340.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 8. ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Mulher na sala de aula. *In*: PRIORE, Mary del (Org). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.443 - 481.

LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. *In*: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. *In*: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 126 – 148.

MELLO, João Manuel de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. *In*: (coordenador geral) NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Volume 4. p.459 – 658.

MEYRER, Marlise. **Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista O Cruzeiro (1955-1957)**. Porto Alegre, 2007.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 155 – 194.

NAPOMUCENO, Bebel. Protagonismo Ignorado. *IN*: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 126 – 148.

OLIVEIRA, Débora Santos de. **A transmissão do conhecimento culinário no Brasil urbano do século XX**. São Paulo. 2010.

OLIVEIRA, Rosiska. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: ROCCO, 2003.

PERROT, Michele

\_\_\_\_\_. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória Porto Alegre – Espaços e vivências**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PINSKY, Carla Bassanezi. Apresentação *In*: PERROT, Michelle (Org.). **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. p.09 – 11.

\_\_\_\_\_. **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. A era dos modelos rígidos. *In*: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469 – 512.

\_\_\_\_\_. A era dos modelos flexíveis. *In*: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 513 - 543.

PRIORE, Mari del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. **História do amor no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Sempre Bela. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p.105 – 125.

SILVA, KalinaVanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

[http://www.bricabrac.com.br/reclames\\_walita.htm](http://www.bricabrac.com.br/reclames_walita.htm)

Acesso em: 11 de setembro de 2013. 15hs 43 min

<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/02/09/febre-da-lambreta/>

Acesso em 27 de Outubro de 2013. 15hs 37 min

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Philips>

Acesso em 15 de novembro de 2013. 19hs e 37 min

[mundodasmarcas.blodpot.com.br/2006/05/Philips-las-make-things.better.html](http://mundodasmarcas.blodpot.com.br/2006/05/Philips-las-make-things.better.html)

Acesso em 15 de novembro de 2013. 19hs 28 min